

CICLO DE OFICINAS RODA DE SABERES RELATÓRIO DE OFICINA

Coord. Rita Campos, Patícia Silva, Ana Teixeira de Melo



PRÁTICAS METODOLÓGICAS COLABORATIVAS



FACILITADORES DA SESSÃO

Giovanni Allegretti, Cláudia Pato de Carvalho, Ana Teixeira de Melo.

Outros Colaboradores: Sheila Holz, João Telmo Oliveira Filho, Sérgio Barbosa

INFORMAÇÕES GERAIS

Número total de participantes: Total de 28 participantes¹ (incluindo 3 facilitadores + 2 coordenadoras do Ciclo + 3 colaboradores/participantes inscritos)

Data: 16/12/2019

Duração: 180 min

Hora início: 14:00

ENQUADRAMENTO DA SESSÃO: NOTAS, INTRODUÇÃO, REFLEXÕES E TESTEMUNHOS DOS FACILITADORES

Nesta sessão, optamos por apresentar um enquadramento geral das opções metodológicas colaborativas/participativas e por convidar os participantes a uma reflexão teórica sobre as dimensões que aproximam e distinguem diferentes tipos de estudos e de práticas. Assumimos como intenção expor os participantes a um conjunto de noções definidoras e introdutórias aos conceitos, pressupostos e práticas de investigação colaborativas/participativas. Optamos por um formato de sessão mais estruturado, que melhor facilitasse a articulação entre as formas de investigação que desenvolvemos, e que são bastante diferenciadas e, ao mesmo tempo oferecesse aos participantes uma grelha conceptual a partir da qual pudessem refletir sobre as suas práticas e compará-las com as de outros/as investigadores/as. Entendemos que este formato poderia frustrar expectativas principalmente de quem assume que ser “colaborativo” implica informalidade e falta de diretividade. Na realidade, entendemos que a estrutura é muitas vezes fundamental para que interações colaborativas conduzam a resultados pragmaticamente relevantes. Para esta oficina tivemos que fazer opções. Poderíamos ter focado uma técnica particular ou dar espaço a uma partilha mais livre de experiências. Consideramos, contudo, que a oficina poderia constituir-se como um ponto de partida, impulsionador de novas atividades, eventos e discussões. Assim, procuramos que oferecesse uma base de reflexão e diálogo sobre a natureza das práticas de investigação adotadas pelos participantes, bem como sobre as possibilidades de transformação das mesmas, a partir da qual quer investigadores/as menos familiarizados/as com metodologias colaborativas/participativas, quer investigadores/as experientes pudessem dialogar, definindo novos temas e oportunidades de interação, diálogo e colaboração. Esperávamos que desta oficina surgissem temas e ideias para novos encontros.

DESCRIÇÃO GERAL DA SESSÃO

A sessão organizou-se de forma estruturada, assente em quatro momentos.

Iniciou-se com uma apresentação geral da paisagem metodológica colaborativa/participativa e introdução a alguns conceitos e definições que caracterizam diferentes variações da paisagem, bem como um conjunto de eixos de diferenciação da mesma, que estruturaram um inquérito previamente conduzido junto da comunidade CES tendo em vista a caracterização das suas práticas metodológicas colaborativas/participativas .

¹ O número de pedidos de inscrição superou a lotação da oficina.

Refletiu-se sobre a forma como diferentes escolhas ontológicas, epistemológicas, axiológicas e pragmáticas configuram enquadramentos metodológicos distintos e conduzem à seleção dos métodos, tendo-se convidado os/as participantes a refletirem sobre as dimensões que subjazem e caracterizam as suas práticas de investigação.

O/as facilitador/as procuraram, de forma breve, oferecer alguns exemplos, a partir dos seus campos privilegiados de trabalho, nomeadamente as políticas participativas, as práticas artísticas e culturais participativas e a investigação-ação colaborativa/participativa.

Num segundo momento, foram apresentados e discutidos brevemente os resultados de um inquérito sobre o uso (ou não) de métodos, metodologias ou práticas colaborativas/participativas realizado junto da comunidade CES.

Num terceiro momento, foi proposto um exercício em grupo em que os participantes pudessem discutir e definir as suas práticas metodológicas a partir de algumas das dimensões diferenciadas. Este momento foi estruturado em duas partes: uma primeira em pequenos grupos, no qual eram construídos mapas de práticas usadas pelos elementos do grupo, e uma segunda parte, em grande grupo, na qual os diferentes mapas foram partilhados com todos/as os/as participantes e identificadas as principais dificuldades e benefícios das discussões e reflexões colectivas e individuais potencializadas pelo exercício.

Por fim, foi pedido aos participantes que refletissem sobre a oficina e apontassem temas para novos encontros ou atividades. Para tal, utilizou-se um formato colaborativo, no qual os/as participantes pudessem ter oportunidade de reflectir individualmente ou a partir de interações com as reflexões ou temas propostos por outros/as participantes.

No início da sessão foi introduzido o Instant Report como uma técnica frequentemente usada em eventos colaborativos/participativos. Durante a sessão uma das facilitadoras (Cláudia), com uma colaboradora (Sheila) dedicaram-se a preparar a estrutura de base do Instant report que foi, nos dias seguintes ao evento, submetido à apreciação e revisão dos participantes. O Anexo 1 apresenta este Instant Report, documentando a oficina. O Anexo 2 apresenta os diapositivos usados como suporte para a sessão.

REFLEXÕES E QUESTÕES EMERGENTES

A sessão e os comentários e avaliações dos participantes refletem a complexidade da paisagem metodológica colaborativa. Muitos participantes tinham a expectativa de encontrarem um ambiente menos estruturado de partilha de experiências e eventualmente onde os temas de discussão fossem emergentes. Estas expectativas, se entendidas como necessidades, apontam para a pertinência de organização de momentos mais informais de contacto entre os investigadores/as. Em particular sugerem uma duração maior (1 dia) para sessões desta natureza para que estes espaços de troca informal e de reflexões conjuntas possam acontecer. Consideramos que as tertúlias do Ciclo Roda de Saberes podem acomodar algumas destas necessidades mas, também, que haverá pertinência em apelar à comunidade CES para a organização de novas atividades em torno destes temas. Alguns temas foram inclusivé sugeridos para serem trabalhados no futuro. De entre eles destacamos os seguintes: metodologias mistas de investigação (qualitativas e quantitativas), o aprofundamento dos princípios e escolhas das metodologias colaborativas, as questões (metodológicas e éticas) da inclusão do “pesquisado” no processo de investigação e os problemas e cuidados a ter no uso de metodologias

colaborativas/participativas. Do ponto de vista dos facilitadores, a informação teórica partilhada foi talvez um pouco excessiva, o que levou a uma sobrecarga em termos teóricos dos participantes. Embora tenha havido espaços de trabalho conjunto, estes podiam ter tido tempos de concretização mais alargados.

Antes da oficina foi preparado e conduzido um inquérito junto da comunidade CES com o objetivo de caracterizar as suas práticas de investigação. Um dos resultados mais salientes prende-se com a diversidade de conteúdos temáticos e áreas em que alguma forma de práticas metodológicas colaborativas/participativas são aplicadas. Importará explorar a diversidade de práticas e seus fundamentos mas, também, os seus aspetos distintivos.

DESAFIOS E PROPOSTAS EMERGENTES

No final da oficina vários participantes manifestaram interesse, necessidade e disponibilidade para participarem em mais momentos informais de partilha de experiências, discussão e aprofundamento das práticas metodológicas colaborativas/participativas e de métodos particulares, tal como aqueles que acima elencamos. Muitos/as declararam que seriam interessados/as em simulações que permitissem experimentar diretamente vantagens e limites de cada metodologia.

AVALIAÇÃO

Foi solicitado às/aos participantes o preenchimento de um questionário de avaliação da sessão ao que responderam 12 participantes inscritos.

Foi solicitado que os/as participantes avaliassem, numa escala de 1 a 5 (1= Muito insatisfeito, 5= Muito satisfeito) o seu grau de **satisfação geral** com a estrutura e dinâmica da sessão. 58,03% dos participantes consideraram-se “Muito satisfeitos”, 25 % “Bastante Satisfeitos” e 16,7% “Mais ou menos satisfeitos”.

Em termos da **pertinência e relevância dos conteúdos** para a sua prática profissional os/as participantes consideraram os temas, na generalidade, como “Muito relevantes” (66,7%), “Bastante relevantes” (25%) e uma minoria “Mais ou menos relevantes” (8,3%).

Na avaliação da satisfação com o **equilíbrio entre a vertente teórica e prática** a maioria dos/das participantes mostrou-se “Bastante satisfeito” (58,3%) e uma minoria mostrou-se ora “Muito satisfeito” (25%) ora “Mais ou menos satisfeito” (16,7%)

Relativamente à **satisfação com adequação teórica da sessão**, a maioria dos/das participantes mostrou-se ora “Muito satisfeito” (50%) ora “Bastante satisfeito” (41,7%) e uma minoria “Pouco satisfeito” (8,3%).

Na dimensão de **satisfação com a adequação e natureza dos exercícios práticos**, a maioria dos/das participantes pontuou como “Bastante satisfeito” (50%) ou “Muito satisfeitos” (23,3%), com alguns a posicionarem-se como “Pouco satisfeitos” (16,7%).

Em termos de **satisfação com o desempenho e contributos do/as dinamizadores**, a maioria dos/as participantes mostrou-se “Muito satisfeito” (66,7%) ou “Bastante satisfeito” (25%) e uma menor percentagem “Mais ou menos satisfeito” (8,3%).

A **satisfação com o contributo do grupo** foi “Bastante satisfeito” (41,7%) e “Muito satisfeitos” (41,7%), com alguns participantes a mostrarem-se “Mais ou menos satisfeitos” (16,7%).

Verificou-se maior diversidade de opiniões na **satisfação com os diálogos, discussões reflexões** gerados na sessão: 50,0% dos/as participantes mostraram-se “Bastante satisfeitos”, 25 % mostraram-se “Muito satisfeitos”, 16,7% “Mais ou menos satisfeitos”, enquanto 8,3% “Pouco satisfeitos”.

Em termos de **Avaliação de Impacto** da oficina, verificou-se que a maioria dos/as participantes tem “Muito interesse” (75%) em participar em novas oficinas do Ciclo, e uma percentagem menor tem “Bastante interesse” (16,7%) ou “Algum interesse” (8,3%) e a maioria recomendaria “muito” (75%) ou “bastante” (16,7%) a oficina a outros.

Na sequência da sessão, a maioria dos/das participantes mostra-se “Muito disponível” (91,7%) para se envolver em **novas colaborações ou projetos** envolvendo as metodologias em questão.

As/os participantes partilharam a sua avaliação qualitativa sobre forças e vulnerabilidades da sessão.

Como principais forças da sessão destacam-se as seguintes:

Avaliação geral positiva e formato interessante (“O formato da oficina foi muito interessante e útil para ajudar a pensar nas condições concretas de construção das metodologias em nossos trabalhos”; “Excelente”; “parabéns ao grupo pela iniciativa. Muito importante esses espaços.”)

Explicações que situaram participantes nas abordagens colaborativas (Como forças da sessão, destaco a explanação de uma série de técnicas e metodologias que puderam situar os presentes em relação às abordagens colaborativas”)

Partilha de experiências (“possibilidade de intercambiarmos experiências a partir das atividades propostas”; “O exercício possibilitou a troca entre os participantes e a construção do mapa que, de início parecia desafiadora, foi-se compondo na criação coletiva.”)

Contributo para pesquisa dos/as participantes (“Trouxe muitos elementos para a minha pesquisa”)

Sublinham-se os seguintes aspectos como principais vulnerabilidades:

Tempo reduzido (“tempo pequeno”; “pouco espaço para troca e atividades em grupo”; “a sessão deveria durar mais 2 horas”; “Por ser um tema pertinente e interessante, o tempo teria que ser maior”)

Necessidade de maior interação entre participantes e facilitadores/as e intervenções mais estanques entre estes (“Falta de um momento para que os participantes, além das dinâmicas dos grupos, pudessem tirar suas dúvidas e fazer problematizações sobre o que foi explanado teoricamente, no início da oficina”; “Não houve espaço para os participantes interagirem com os formadores, o que contrasta com as metodologias colaborativas; cada formador devia ter seu tempo para falar e não haver interrupções constantes.” “Também destaco que, após as dinâmicas, em especial a última, não pudemos fazer nenhuma discussão sobre as atividades ou mesmo sobre os resultados aos quais o grupo chegou.” “Acho que foi um pouco corrido, termos de conteúdo também. Adoraria que fosse algo mais conversado para poder tirar dúvidas e conversar mais.”)

Maior enfoque em técnicas (“achei que poderia ser mais focado em métodos e técnicas”)

Maior aprofundamento (“Mas seria interessante dar sequência aos aspectos teóricos e práticos, aprofundando os temas surgidos.”)

Como sugestões ou recomendações apontadas pelos participantes para a dinamização das oficinas destacam-se:

Incentivo para a realização de novas oficinas (“Fazer mais...”; “Mais oficinas como esta”)

Oficina mais extensa, com mais tempo para a elaboração teórica e prática (“Penso que a oficina poderia ser realizada de manhã e à tarde, para que houvesse mais tempo para as apresentações teóricas (manhã) e para a interação entre os participantes (tarde), seguida de partilha entre o grupo e encerramento.”; “Acho que ter mais tempo de oficina. Um horário só para aprofundamento teórico, que é muito importante, e outro só para a parte técnica.”; “Uma sugestão que possa durar um dia inteiro para possibilitar ainda mais exercícios práticos e aprofundamento teórico”)

Mais elementos interativos, de trabalho prático e discussão (“dinâmica que facilitasse trocas entre os participantes, sendo o caso de um primeiro contato entre pessoas com perfis bastante distintos.”; “O tempo sendo maior, motivaria mais comentários e questionamentos. Além de que o trabalho de grupo seria mais dinâmico e participativo”; “Um ponto a melhorar seria aumento do tempo para o trabalho prático de grupo”; “Sugiro que seja disponibilizado um tempo para discussão, com a explanação de dúvidas e questionamentos, após as atividades práticas e teóricas, durante as oficinas”; “Menos conteúdo e mais prática e interação com os formandos”)

Criação de cursos temáticos de aprofundamento da oficina (“Sugiro, um curso para o mesmo grupo de uns 2 meses para que possamos aprofundar os debates”)

PRODUÇÃO E VALIDAÇÃO DO RELATÓRIO

Data de elaboração do relatório: 02/01/20

Relatório produzido por: Ana Teixeira de Melo, Cláudia Carvalho, Giovanni Allegretti, Rita Campos, Patrícia Silva

Instant report anexo produzido pelos facilitadores e revisto por todos os participantes na oficina.

Relatório validado pelos facilitadores: Sim X Não

ANEXO 1

CICLO DE METODOLOGIAS RODA DE SABERES

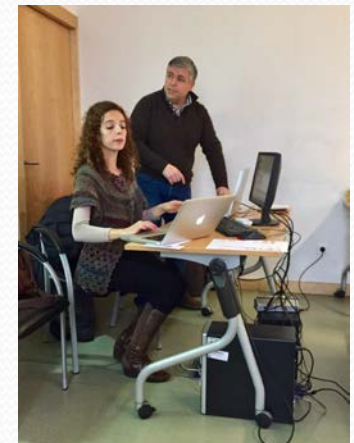
PRÁTICAS METODOLÓGICAS COLABORATIVAS

Giovanni Allegretti, Cláudia Pato Carvalho,
Ana Teixeira de Melo
16 de Dezembro de 2019
14-17h, CES



PREPARAÇÃO

Equipa de preparação: Ana, Cláudia, Sérgio, Sheila, João, Giovanni, 10:30 – 12:30



BOAS VINDAS DO CICLO/WELCOME

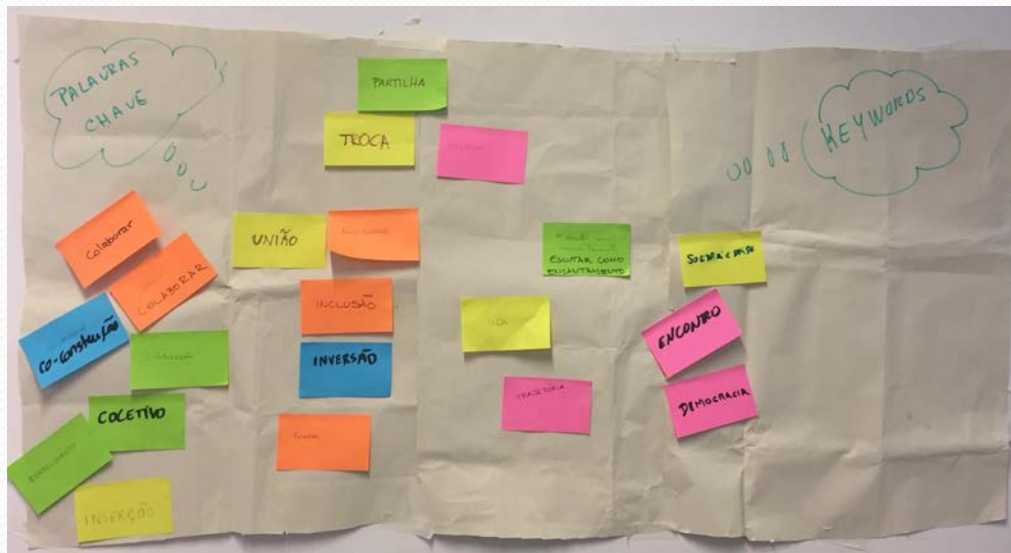
Boas vindas e Apresentação do Ciclo pela Rita Campos em nome da organização da Roda de Saberes

Apresentação dos facilitadores:

Giovanni, Cláudia e Ana



1ª Parte | Palavras-Chave
Inversão de prioridades
Partilha, troca
União
Escutar com encantamento
Trajetória, caminhos de mudança
Coletivo
(...)



2º Parte | Introdução teórica aos conceitos

investigação colaborativa

investigação-ação participativa

investigação participativa de base artística

políticas participativas

serviços de consultoria

INTRODUÇÃO TEÓRICA

Participação nas políticas

Participação pode ser um instrumento para alcançar um resultado ou um caminho para escuta real de muitas vozes.

Como nos envolvemos com a investigação?

Somos/Estamos abertos a práticas colaborativas?

O que é agir de forma colaborativa?

equi-proximidade

Deliberação x Participação

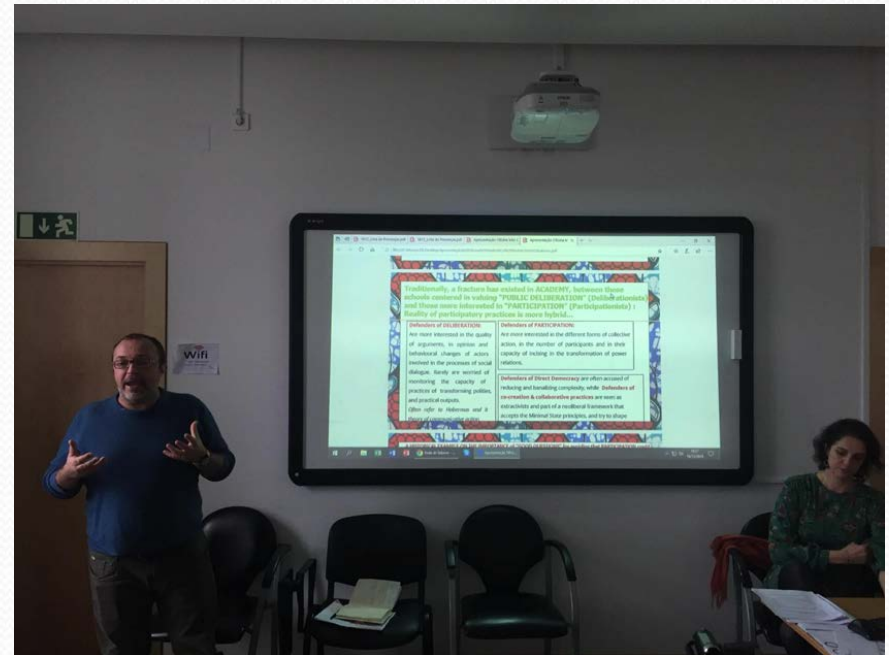
Co-criação

Neutralidade existe?

Corpos e Emoções

ABORDAGEM DAS POLÍTICAS PARTICIPATIVAS

- Qualidade dos argumentos
- Mini-públicos – construir na sala a representação da realidade
- Soc. em contínua transformação – participacionistas – participação aberta a um maior número de pessoas
- Deliberação/participação
- Democracia direta – instrumentos regulados
- Co-criação e regulação
- o caso da Igreja de Santo Espírito de Brunelleschi
- Participedia – site por todo o planeta
- Rede das autarquias participativas de Portugal x OP (Orçamento Participativo) da Escócia



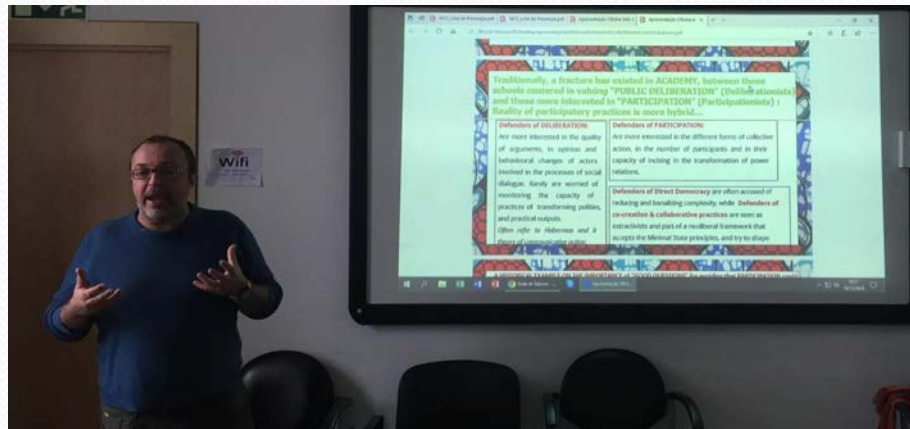
ABORDAGEM DAS POLÍTICAS PARTICIPATIVAS

- Escala de 1969 – Sherry Arnstein – medição da escala de intensidade (Escala – graus de poder cidadão, graus tokenism, nenhum poder)
- IAP2 – international association for public participation – 2000
- Diferentes fases – e.g. avaliação técnica das propostas dos cidadãos – viabilidade concreta (0 a 5) & qualidade deliberativa – potencia de participação dos participantes – não é matemático
- Diferentes formas de legitimação (qualitativa e quantitativa) – construção de capital social e socio-relacional



ABORDAGEM DAS POLÍTICAS PARTICIPATIVAS

- Satisfação é maior ou igual ao Resultado – (menos) as Expetativas – importante que as expetativas sejam realistas
- **Investigação em contextos de participação política** – assimetrias, limites, oportunidades, monitorizar a satisfação, avaliar metodologias e sua evolução – **acrescenta**: riqueza, intercâmbio de saberes, descoberta de tensões e/ou consenso + pertença e responsabilização dos diferentes atores
- Valor instrumental – entidades públicas raramente conseguem ultrapassar



PRÁTICAS CULTURAIS E PROCESSOS PARTICIPATIVOS E COLABORATIVOS

● Contexto Teórico

-Como processos colaborativos e participativos podem beber destes métodos artísticos – como podemos olhar para o contexto em particular – contribuir com o processo criativo

- Contexto com aberta para o exterior.
- Comunidades são elas mesmas atores para os processos
- Conceito de participação cultural: artistas podem incluir pessoas e comunidades nos seus processos – componente de intervenção política

● REDE ARTÉRIA como estudo de caso



PRÁTICAS CULTURAIS E PROCESSOS PARTICIPATIVOS E COLABORATIVOS

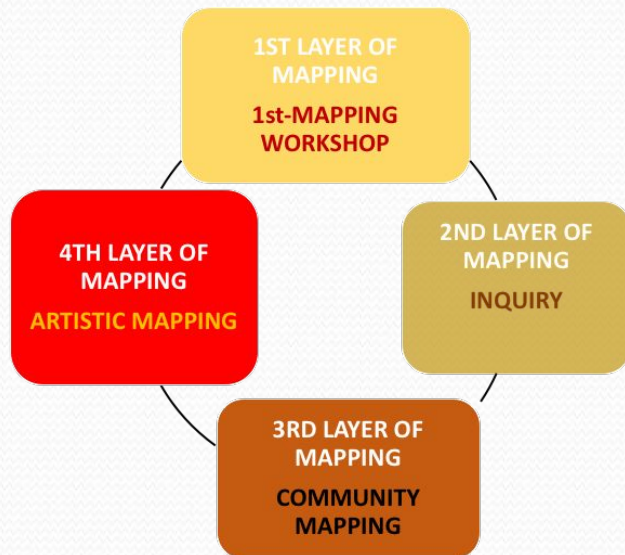
- **Contexto Teórico**

- atividade cultural é reflexiva sobre contexto em que se insere

- Processos de co-criação – influenciam a forma que pensamos a política cultural
- Ref. Metodológicas sobre participação artística, consumidor cultural e co-produtor cultural; diferentes níveis contribuem, conexão com meio (escolas, famílias, etc)



PRÁTICAS CULTURAIS E PROCESSOS PARTICIPATIVOS E COLABORATIVOS



- **Contexto Teórico:**

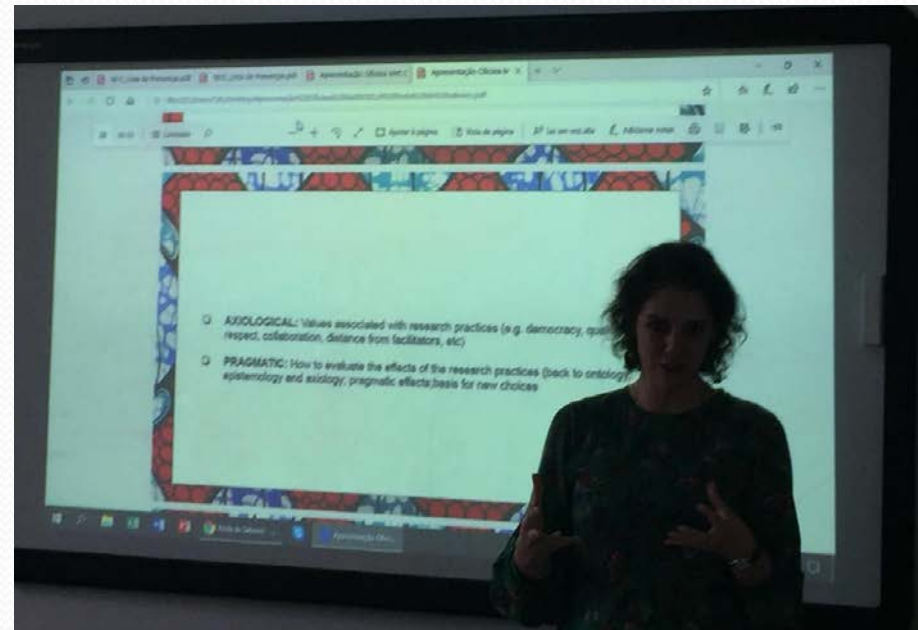
- Possibilidades ainda não exploradas. Formas de ver e refletir sobre o mundo, não formas acadêmicas;
- A Arte é um catalizador de pensamento
- Arte ajuda a visualizar um espaço - componente epidémica da investigação participatória torna-a pluridiversa - diferentes epistemologias
- Imaginar o que se quer para o futuro;
- Apelo a criatividade, à brincadeira, abre o pensamento; Playfulness

PRÁTICAS CULTURAIS E PROCESSOS PARTICIPATIVOS E COLABORATIVOS

- REDE ARTÉRIA como estudo de caso: Teatrão
- Trabalho com Teatrão: 4 níveis de mapeamento. Pensadas em conjunto com agentes locais. Resultado foi transformado em objeto artístico. Recolha de informação, pensamento. Recursos culturais
- Entendimento sobre base de trabalho projeto artístico.
- 4º nível de conhecimento: ensaios, pesquisa aprofundada

DISCUSSÃO À LUZ DA NATUREZA DA INVESTIGAÇÃO E DA PRODUÇÃO DE CONHECIMENTO

- ONTOLÓGICA: realidade real que vamos investigar. Quem são os atores? Como vemos a realidade;
- EPISTEMOLÓGICA: conhecimento a que atribuímos valor e como o vamos construir com as pessoas (conhecimento como processo multiperspetivado). Papel das relações: investigador x pessoas;
- AXIOLÓGICA: tb a mais evidente (valores associados), democráticos, igualdade, tipo de relação entre pessoas;
- PRAGMÁTICA: efeitos das nossas práticas e como escolhemos avaliar o nosso trabalho (critérios)

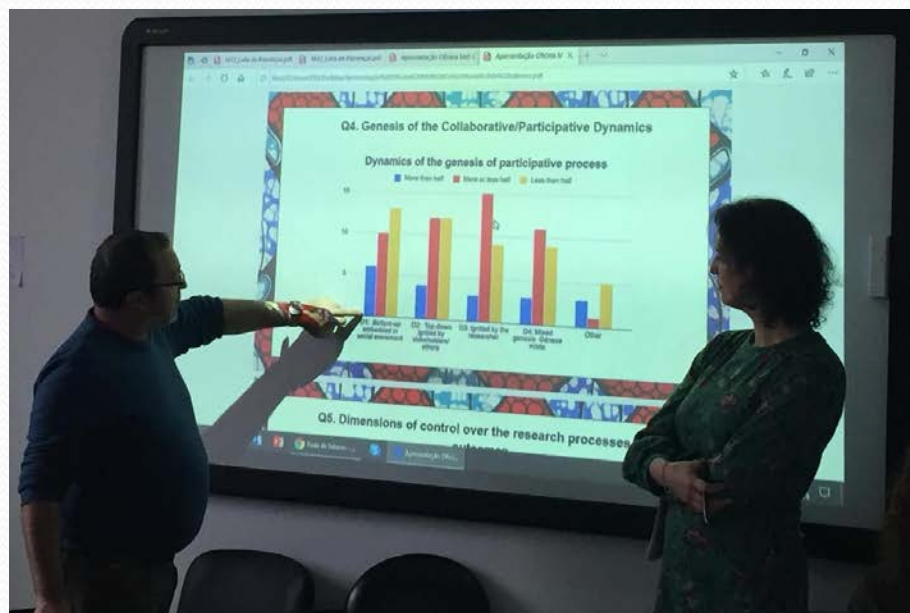


DISCUSSÃO À LUZ DA NATUREZA DA INVESTIGAÇÃO E DA PRODUÇÃO DE CONHECIMENTO

- **METODOLOGIAS COLABORATIVAS/PARTICIPATIVAS**
 - conjunto de Escolhas: diferentes espectros, diferentes valores
 - Pressupostos metodológicos
 - Métodos de abordagem são orientados pelas concepções da realidade;
 - Métodos de abordagem são o desempenho da escolha metodológica escolhida;
 - Dimensões de diferenciação: paisagem metodológica diferencia-se. Dimensões constituem relações, que levam a diferenciadas formas de investigação

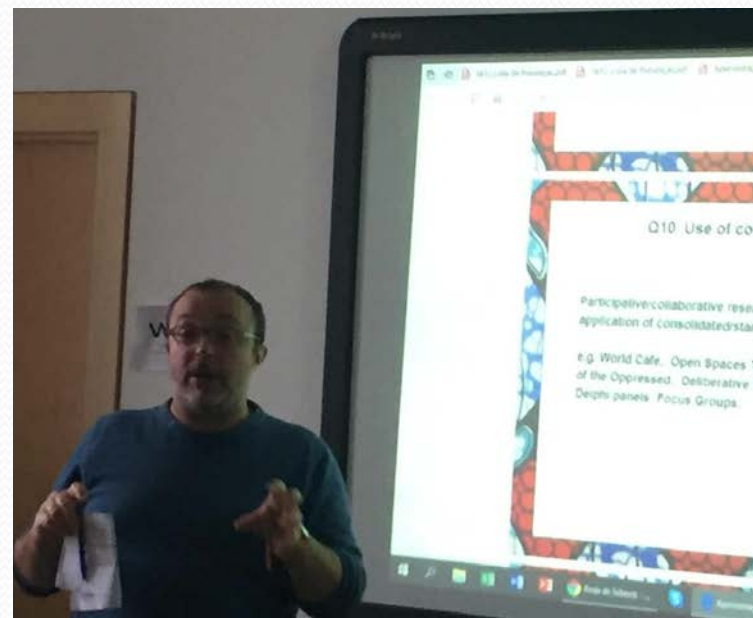
Apresentação dos resultados do Inquérito

- 1. DINÂMICAS DA GÊNESE DO PROCESSO COLABORATIVO/PARTICIPATIVO:**
dinâmica de bottom-up (investigador/a põe-se em continuidade para avaliar);
top-down (instigada por terceiros),
menos da metade das dinâmicas prevalentes. Integridade do Investigador: introduz elemento novo;
Mista: mais ou metade dos investidores
- 2. CONTROLO:** quase total controlo resultados e processo; ex: metade dos investigadores tem muito ou mais de metade do controlo
- 3. AUTONOMIA:** completamente dependente, totalmente autónomo; ex: investigadores CES com muita autonomia e alguma autonomia



Apresentação dos resultados do Inquérito

4. **RELAÇÃO ENTRE STAKEHOLDERS** (entre todas as partes): poder centralizado num conj. de stakeholders, consulta participada e poder no investigador, colaboração alargada e profunda (mt grande no CES),
5. **COMPROMISSO COM A MUDANÇA** (compromisso e envolv. limitados, alto compromisso com mudança mas envolvimento moderado, desenha e implementa intervenções. CES dimensão dominante é com comprometimento com mudança
- 6 **ESCALA** -é dominante no CES é múltiplas escalas
7. **USO DE TÉCNICAS CONSOLIDADAS** podemos usar técnicas estruturadas ou híbridas. Há algum uso de técnicas consolidadas no CES.
8. **HIBRIDIZAÇÃO DE TÉCNICAS** são técnicas combinadas. Há técnicas que podem descentralizar do facilitador, capazes de delegar. São muito usadas as técnicas híbridas no CES. Mais de 50% de pessoas assumem que seu perfil (uso de técnicas) é variável. Identidade do investigador é relevante, tem impacto na forma como se vê.



CONSTRUÇÃO DOS MAPAS TOPOLÓGICOS

Instruções

- Momento de reflexão sobre dimensões: paisagem é caracterizada por eixos; Selecionar nos grupos o mapa que caracteriza a dimensão do grupo; Cada cor é uma dimensão; Cada grupo cria um mapa



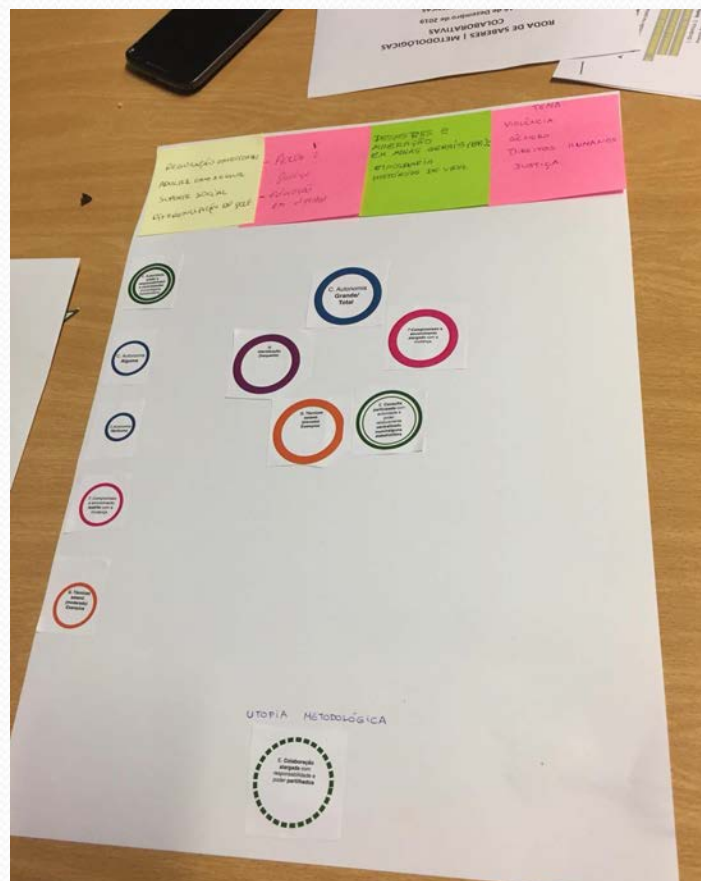
CONSTRUÇÃO DOS MAPAS TOPOLÓGICOS

- Construção e Apoio aos Grupos



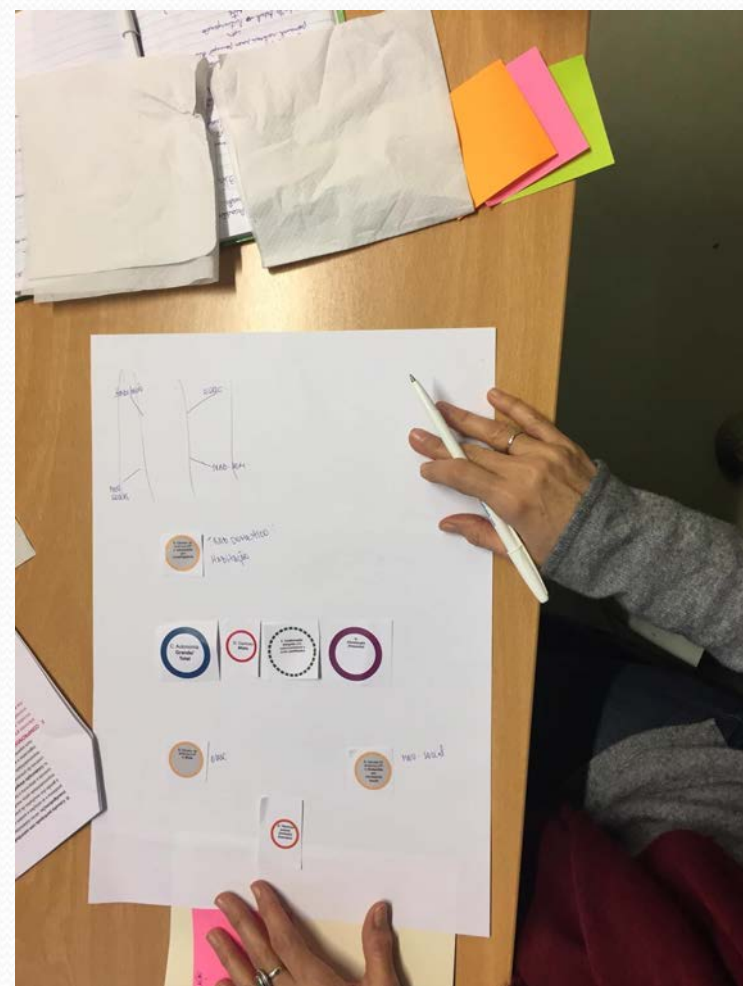
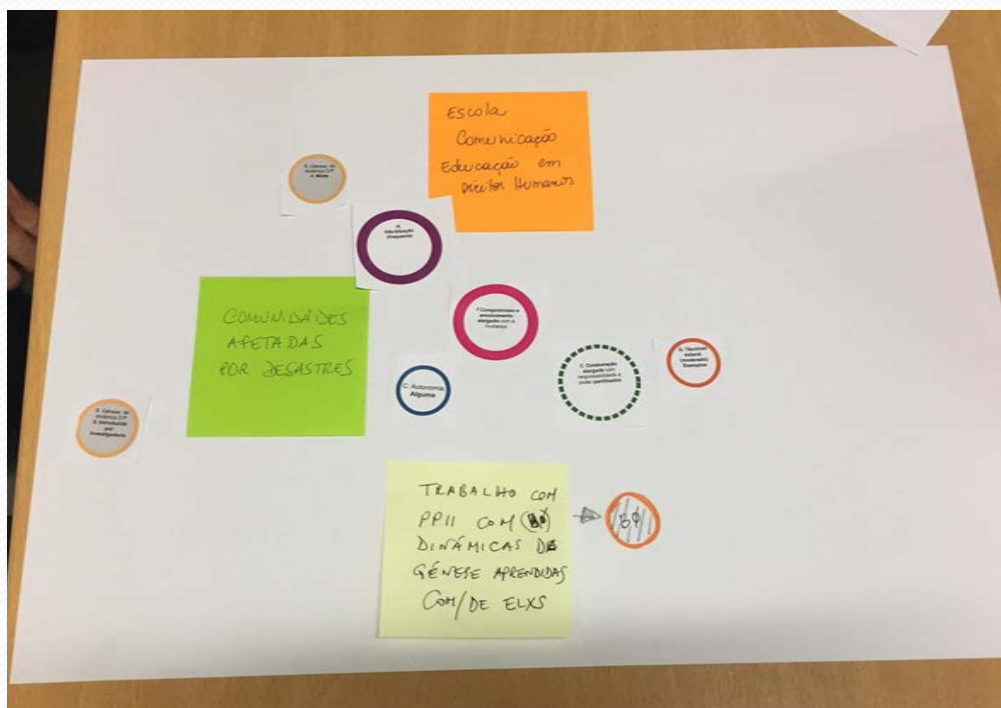
CONSTRUÇÃO DOS MAPAS TOPOLÓGICOS

● Mapas construídos



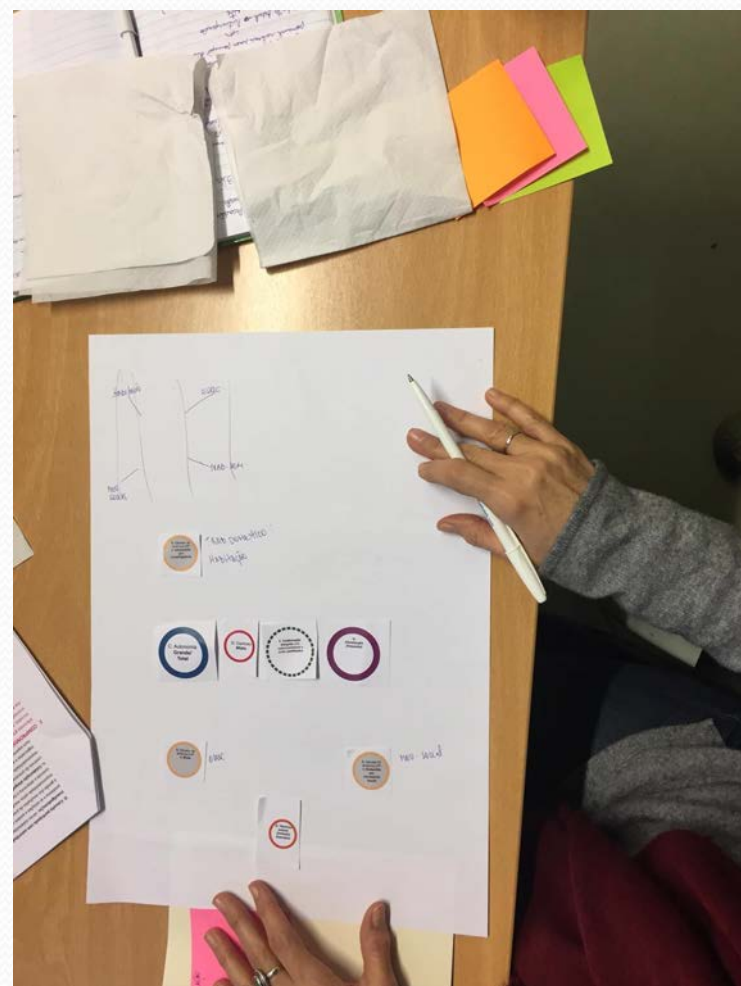
CONSTRUÇÃO DOS MAPAS TOPOLÓGICOS

- Mapas construídos



CONSTRUÇÃO DOS MAPAS TOPOLÓGICOS

● Mapas construídos

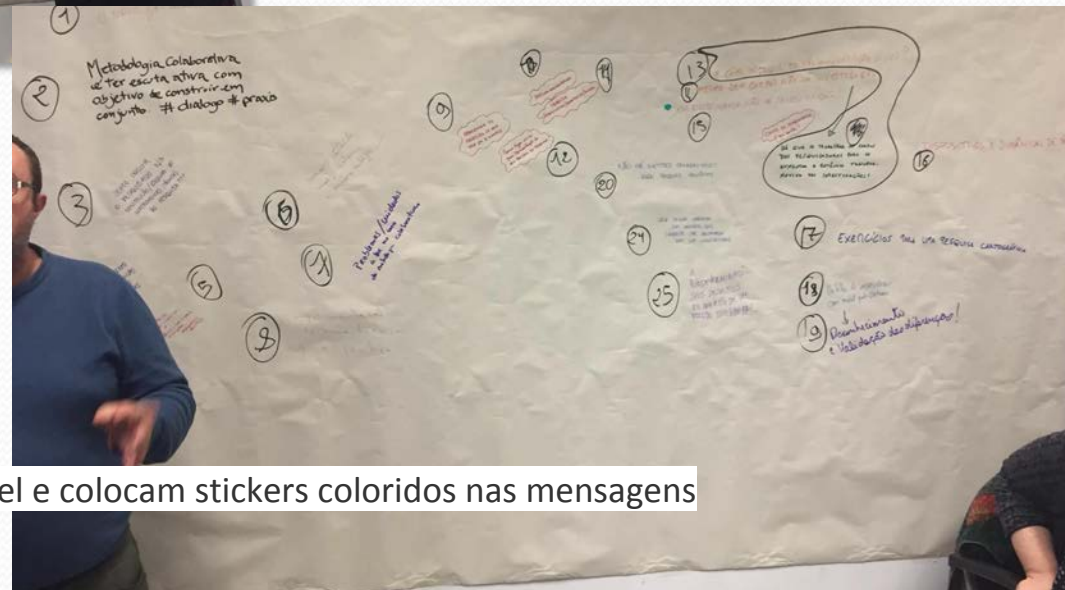


EXERCÍCIO TWEET/RETWEET



1. Cada participante deixa um **tweet-mensagem curta (anónima)**, com algumas hashtags sobre reflexões ou questões que tenham sido suscitadas pela oficina - experiências suas com estas metodologias ou questões, ideias para novas atividades de desenvolvimento no CES em torno destas metodologias ou temas que gostaria de continuar a ver discutidos noutros encontros.

2. Depois de deixarem os seus tweets podem , livremente, ler os dos outros, conversar e re-tweetar deixando novos comentários.



3. Ao fim de 10 minutos, voltam aa passear pelo papel e colocam stickers coloridos nas mensagens sobre as quais gostariam de continuar a conversar.

4. Nos 10 minutos finais sintetizamos esses temas com destaque aos mais votados e abrimos a discussão em grupo pensando também como dar continuidade à mesma noutros eventos ou atividades futuras.

EXERCÍCIO TWEET/RETWEET

Síntese dos Temas mais votados:

- 1. Aprofundamento princípios e escolhas das metodologias colaborativas;**
- 2. Como incluir o pesquisado na construção/escolha de instrumentos/técnicas de pesquisa)?**
- 3. Metodologias Quantitativas e Qualitativas - uso de métodos mistos**
- 4. Problemas e cuidados a ter no uso de metodologias colaborativas**
5. Trabalho do “corpo” do pesquisador para se aumentar a potência transformativa da investigação
6. Sem Afeto/Humor não há investigação!
7. Exercícios para uma pesquisa cartográfica
8. Partilha de experiências com metodologias participativas
9. A autodeterminação e seus desafios no contexto de um mundo neoliberal

PARTICIPANTES

Ana Teixeira Melo

Ana Paula Silva

Aline Costa

Ananda Carvalho

Arion Godoy

Begoña Dorronsoro

Cláudia Pato Carvalho

Domitila Gonzaga

Edna Ponciano

Fátima Silva

Giovanni Allegretti

João Telmo

Mauricio Silva

Nádia Rodrigues

Paula Machava

Patrícia Silva

Raquel Ribeiro

Rita Campos Sabrina Silva

Sueli Moreira

Sheila Holz

Simone Oliveira

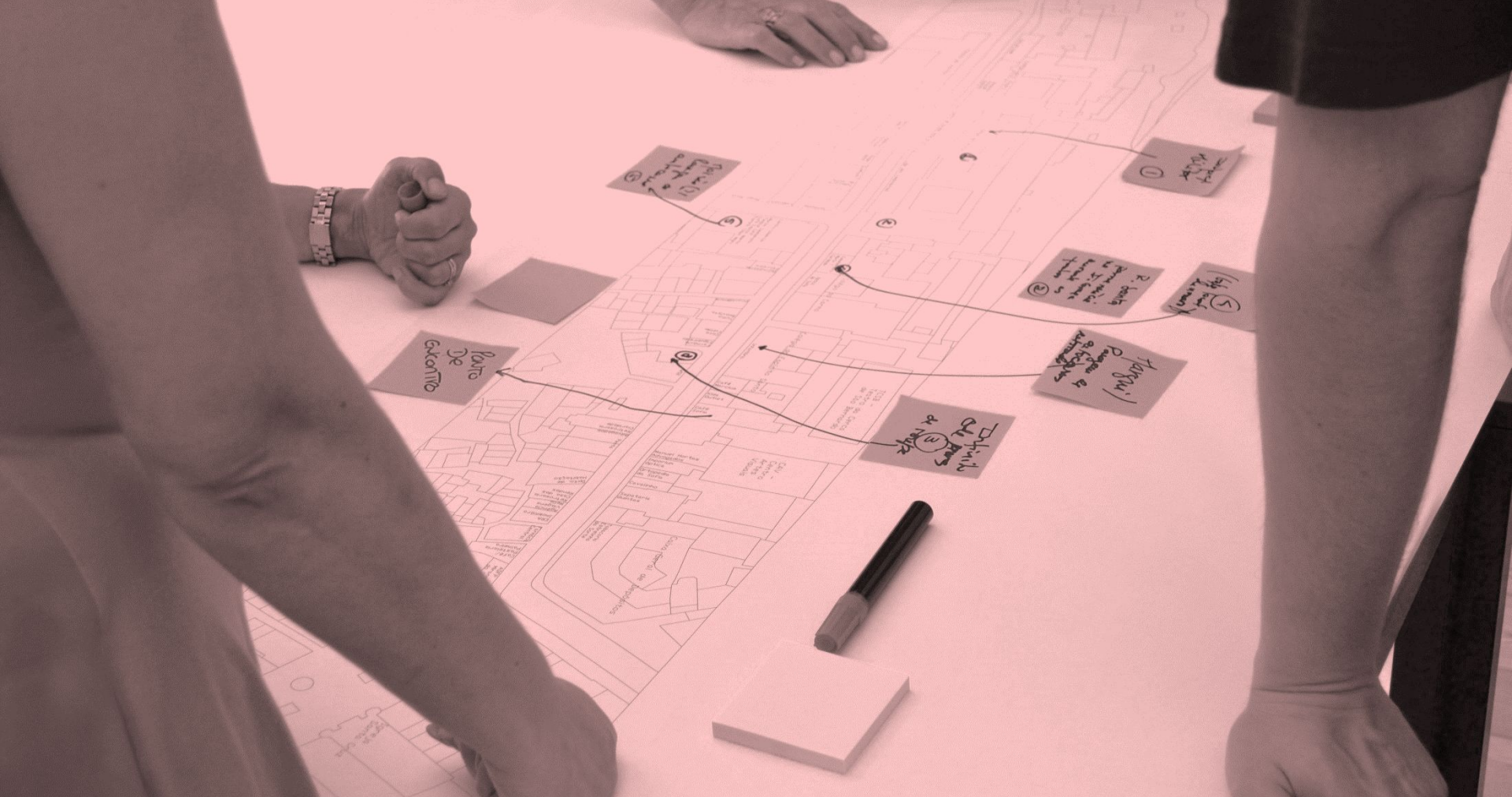
Sérgio Barbosa

Sónia Guadalupe

Thaís Vidal

Tulíola Lima

Vera Frossard



Muito agradecemos a participação
de todos! Até ao próximo Workshop!



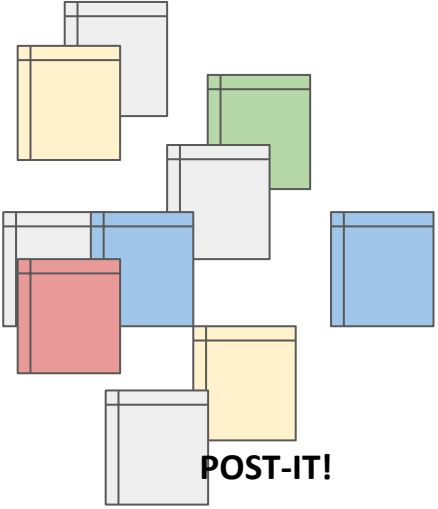
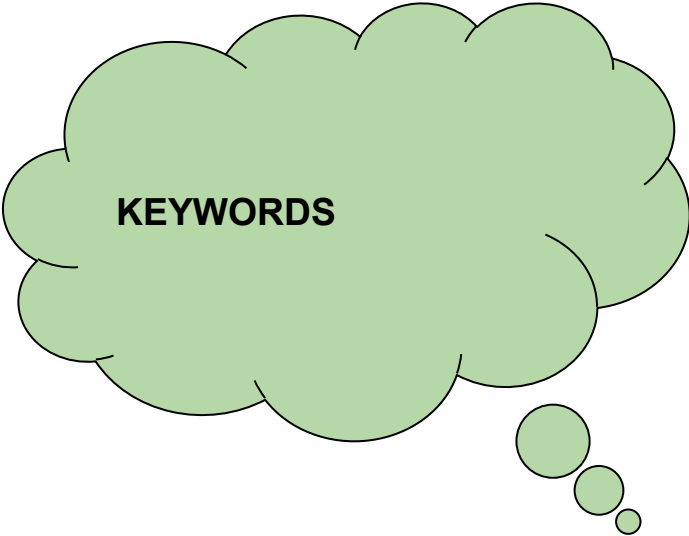
ANEXO 2

CICLO DE METODOLOGIAS RODA DE SABERES

PRÁTICAS METODOLÓGICAS COLABORATIVAS COLLABORATIVE METHODOLOGICAL PRACTICES

Giovanni Allegretti, Cláudia Pato Carvalho, Ana Teixeira de Melo
16 de Dezembro de 2019

METHODOLOGIES/METHODS PARTICIPATIVE/COLLABORATIVE



DEFINITIONS/CONCEPTS

**DIFFERENCES/SIMILARITIES ACROSS TRADITIONS, DOMAINS,
FOCUSES**

DEFINITIONS/CONCEPTS

"**Collaborative research** includes approaches such as (participatory) action research, action learning, community- based research, participatory rural appraisal, farmer field schools research, and participatory learning and action, to mention just a few. These approaches emerged in response to the **limitations of researcher-driven** (top-down models of) knowledge production and subsequently provided rich descriptions of how collaborative research should be practised (cf. Wadsworth, 1998; Allen, 2001)."(van Passen et al., 2011, p. 42)

"Participatory approaches **are not about a 'single' method but about a way of undertaking impact evaluation** that is meaningful to different stakeholders – and specifically to programme participants.(Guilt, 2014, p.4)

DEFINITIONS/CONCEPTS

Participatory Action Research (PAR) is an umbrella term covering a variety of participatory approaches to action-oriented research. Defined most simply, PAR involves researchers and participants **working together to examine a problematic situation or action to change it for the better** (Wadsworth 1998).”

“**Action research** is a family of practices of living inquiry that aims, in a great variety of ways, to link practice and ideas in the service of human flourishing. It is not so much a methodology as an **ORIENTATION TO INQUIRY that seeks to create participative communities of inquiry in which qualities of engagement, curiosity and question posing** are brought to bear on significant practical issue” (Reader & Bradbury, 2008. p. 1)

DEFINITIONS/CONCEPTS

“Participatory arts related approaches”: art as a tool for social transformation
(Lesson, 2019)

In policy-making, participatory/collaborative research, is a component of the cycles of Democratic Innovations (Smith, 2009), that can intervene in different phases of the production and management of public policies and projects, to help building diagnosis plans and reports, as well as assessments and evaluations of the work done in different steps of their development, **granting a major alignment to/with public interest** (Elstub & Escobar, 2019).



**WHAT IS TO ACT/TO RESEARCH IN
PARTICIPATIVE/ COLLABORATIVE TERMS?**

Traditionally, a fracture has existed in ACADEMY, between those schools centered in valuing “PUBLIC DELIBERATION” (Deliberationists) and those more interested in “PARTICIPATION” (Participationists) : Reality of participatory practices is more hybrid...

Defenders of DELIBERATION:

Are more interested in the quality of arguments, in opinion and behavioural changes of actors involved in the processes of social dialogue. Rarely are worried of monitoring the capacity of practices of transforming politics, and practical outputs.

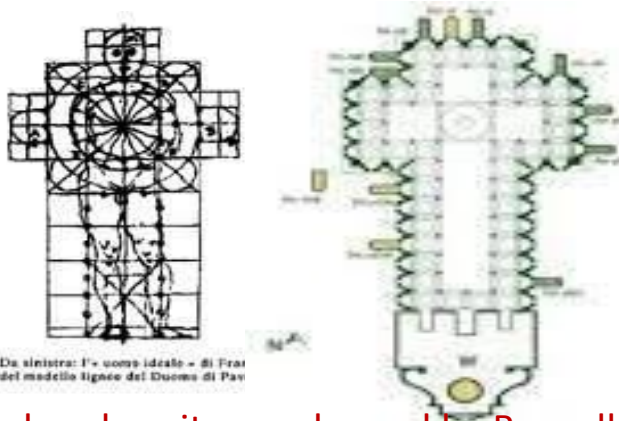
Often refer to Habermas and its theory of communicative action

Defenders of PARTICIPATION:

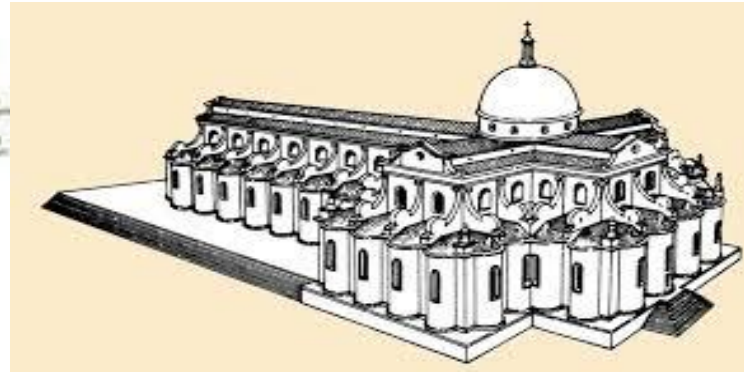
Are more interested in the different forms of collective action, in the number of participants and in their capacity of incising in the transformation of power relations.

Defenders of Direct Democracy are often accused of reducing and banalizing complexity, while **Defenders of co-creation & collaborative practices** are seen as extractivists and part of a neoliberal framework that accepts the Minimal State principles, and try to shape spaces of mere compensation...

A HISTORICAL EXAMPLE ON THE IMPORTANCE of “GOOD QUESTIONS” for avoiding that PARTICIPATION could be hetero-directed (The church of Santo Spirito in Florence – interrupted by Brunelleschi’s death in 1446):

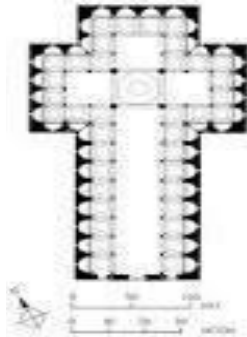


Da sinistra: l'uomo ideale - di Frai del modello ligneo del Duomo di Pisa



Above: the church as it was planned by Brunelleschi

Below: the church as it was built



This example is also useful to question about the possible CONFLICT existing between genius and users' experience.

UNTIL WHICH POINT MUST PARTICIPATION BE INVOLVED???

Aesthetics are its domain of action?

Or just functionality? Can be aesthetics and functionality in conflict?

Two interesting networks for supporting “participatory practices” from a professional perspective are: the International Network of Facilitators (IAF) and IAP2 - insisting that participation is also about bodies and emotions. There are networks about specific techniques (as Open Space Technology/Espaço Aberto criada by Harrison Owen) that value knowledge production within policy-oriented spaces of action

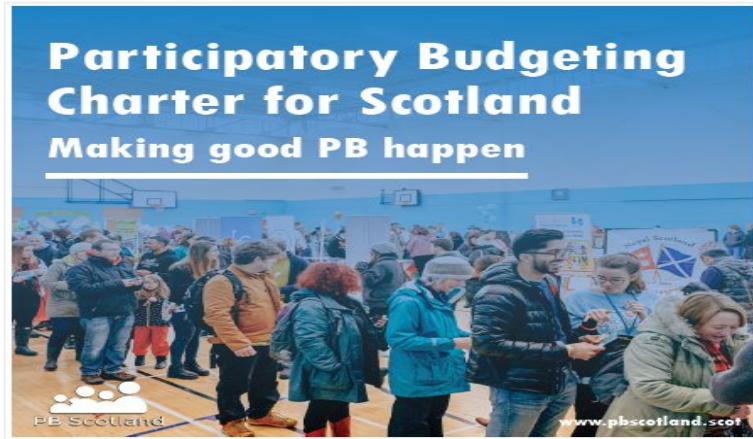
THE NETWORK IS A WAY TO facilitate interchanges (also international) and to set quality standards for Democratic innovations, trying to photograph PRINCIPLES more than STIFF MODELS or DEVICES/TOOLKITS



FACILITATORS would work better if they were not mythicizing EQUIDISTANCE in search of an impossible neutrality, but if they'd seek EQUIPROXIMITY from the different actors involved in the participatory process. (Luigi Bobbio, 2002)

NETWORKING for more QUALITY of PARTICIPATION:

Today several institutions involved in experimenting Democratic Innovations converge in spaces of discussion and cross-fertilization, that value the “epistemic component” of action-oriented participatory processes



PARTICIPEDIA

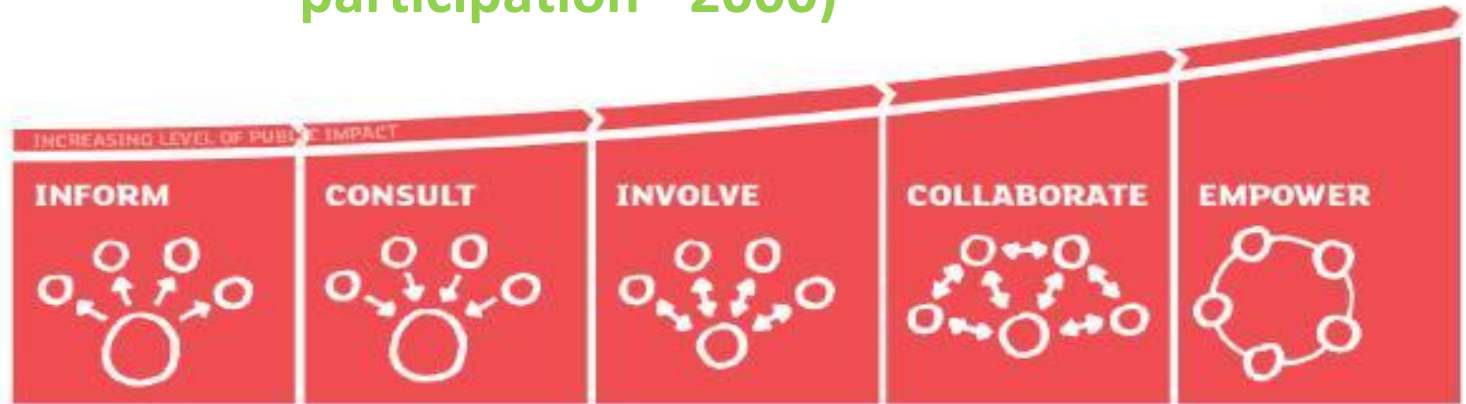


MEASURING INTENSITY of PARTICIPATION: the ladder of citizens participation of Sherry Arnstein (1969)

How much does the historical conjuncture weight?

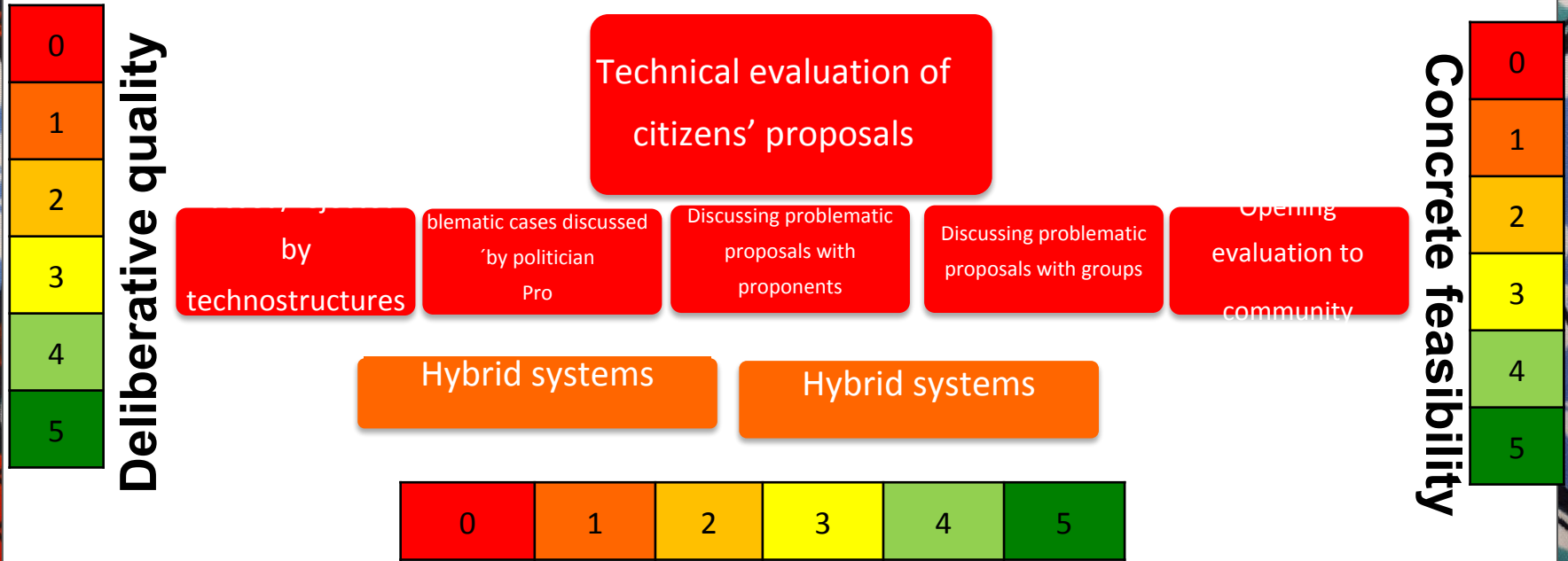


MEASURING LEVEL OF PARTICIPATION: the SPECTRUM OF PUBLIC PARTICIPATION of IAP2 (international association for public participation - 2000)



	INFORM	CONSULT	INVOLVE	COLLABORATE	EMPOWER
GOAL	To provide balanced and objective information in a timely manner.	To obtain feedback on analysis, issues, alternatives and decisions.	To work with the public to make sure that concerns and aspirations are considered and understood.	To partner with the public in each aspect of the decision-making.	To place final decision-making in the hands of the public.
PROMISE	"We will keep you informed"	"We will listen to and acknowledge your concerns."	"We will work with you to ensure your concerns and aspirations are directly reflected in the decisions made."	"We will look to you for advice and innovation and incorporate this in decisions as much as possible."	"We will implement what you decide."

Three main pillars can be used to evaluate each of the main stages of a participatory process, in relation to:



Participant's potential satisfaction (indirect way of considering participatory intensity)

Can we imagine to use **WEIGHTING** to value the most important components in terms of citizens' satisfaction?



+



+



=



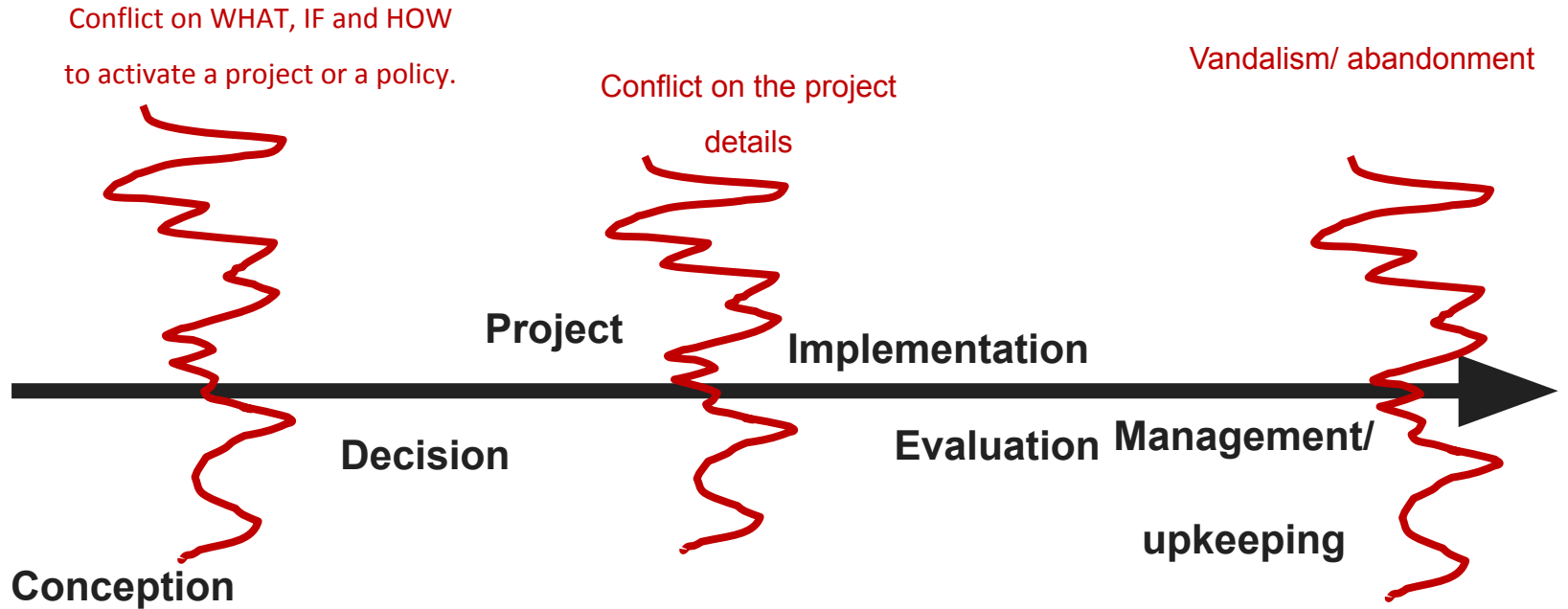
Minimal
participatory
involvement

High participatory
intensity



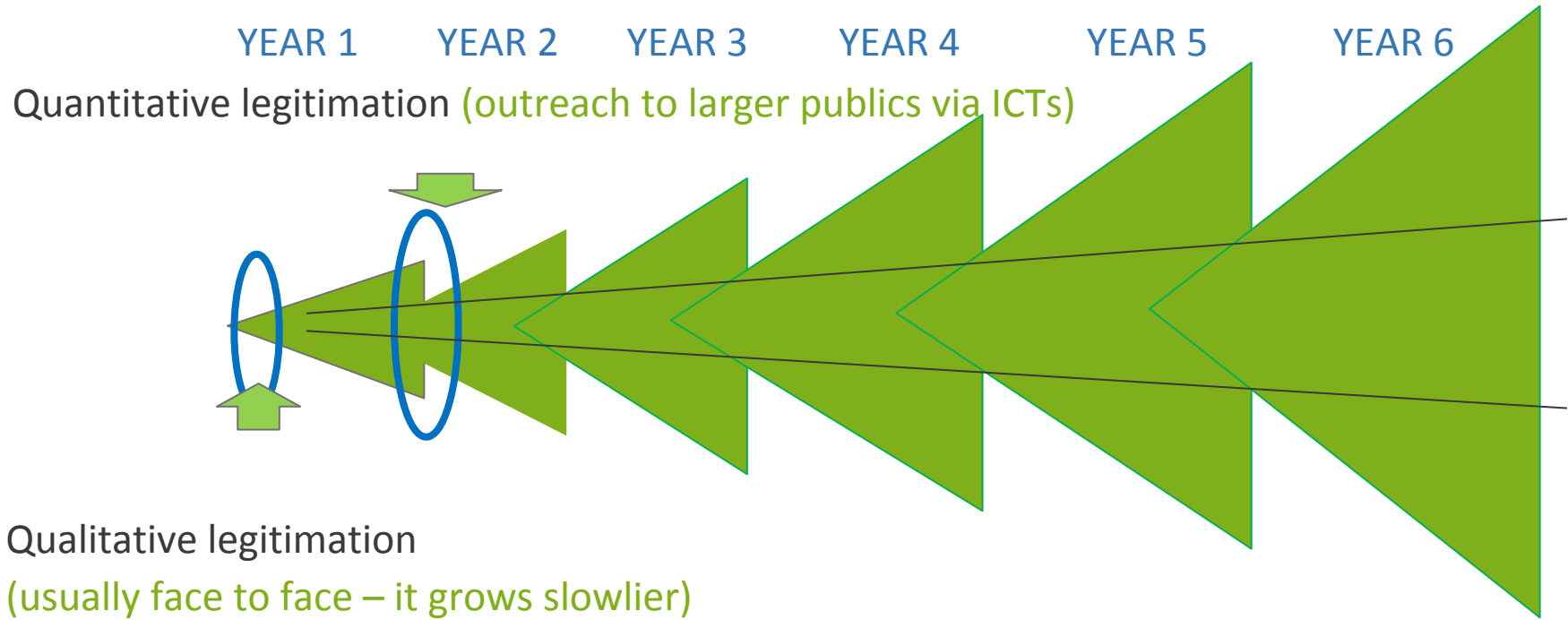
If a city collectively establishes the **RESOURCES** of PB or the **RULES OF THE GAME** (with citizens), does it photograph a higher level of Participatory Intensity than if it allows multiple voting on ballots/internet and SMS after a rich effort to conquer **demodiversity**? Possibly answering to this question is impossible, but is important to keep attention to the trends, because news coming from elsewhere create expectations...AND PROCESSES MUST UPGRADE CONTINUOUSLY, instead

The importance of making people participate in many phases of policy making and planning, because **CONFLICTS** can arise in different moments... Because of the general lack of trust in representative institutions and powerful market players, **THE EARLIEST PARTICIPATION STARTS, THE BEST.**



choices (different type of people usually participate in the different phases)

Participatory processes cyclically repeated along time, are imagined as leading to the creation of **social capital** through a **“learning by doing” methodology**.



The pivotal role of managing expectations, and already incorporating the point of view of beneficiaries, when questions are formulated.



“SATISFACTION \geq RESULTS – EXPECTATIONS”

Research in participatory processes

Within Democratic Innovations, the presence of a “researching dimension” is pivotal for implementing: more focussed problem diagnosis, investigating the context (its asymmetries, constraints and opportunities); imagining and comparing alternative solutions, monitoring satisfaction and implementation, assessing methodologies and their incremental evolutions.

The presence of “**collaborative research methodologies**” add values in term of: (1) a richer range of problems and solutions read from different perspectives; (2) production of share knowledge and creation of diffuse skills through “mutual learning” and “learning by doing”; (3) discovering new tensions and/or consensual paths; (4) ownership and responsabilization of actors (also towards increasing resilience and sustainability)

So, the presence of demo-diverse actors through “**collaborative research methodologies**” is - at the same time - a **VALUE IN ITSELF** (in ontological, gnoseological/epistemological terms) as well as an “instrumental value” for a **BETTER QUALITY** of **POLICIES**, and a better **ALIGNMENT** of policies to **PUBLIC VISIONS** and differentiated **INTERESTS** (Sorice, 2019)

“Cultural Participation” (Bishop, 2012; Jenkins & Carpentier, 2013; Delwiche & Henderson, 2013; Hansen & Gemal, 2014).

Innovative research approaches by articulating the social sciences with artistic methods



New Forms of Governance
(bottom-up)
(Jancovich, 2015)

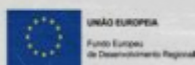
'Cultural Governance' and 'Co-Creation'
(Katz & Earl, 2007; Elliot, 2009; Weber, 2010; Durie et al., 2011; Wood & Brown, 2012; Baltà Portolés et al., 2014)



Cofinanciado por:

CENTRO 2020

PORTUGAL 2020





community based collaborative photography (Klimt, 2018)

arts based engagement ethnography (Goopy & Kassin, 2019)

co-creation as a strategy of community engagement (Walmsley, 2013)

Participatory arts related approaches
(Lesson, 2019)

participatory methods for collaboration in citizen science

cultural consumers as co-producers (Boorsma, 2006)

elders & different age group as co-creators (Social Media and Interactive Art)

connections with schools, families, neighborhoods



1ST LAYER OF
MAPPING

1st-MAPPING
WORKSHOP

4TH LAYER OF
MAPPING
ARTISTIC MAPPING

2ND LAYER OF
MAPPING
INQUIRY

3RD LAYER OF
MAPPING
COMMUNITY
MAPPING

Cofinenciado por:



Participative/ Collaborative METHODOLOGIES

Overall attitude, stance and way of thinking grounded in
CHOICES: ontological, epistemological, axiological,
pragmatic

“Research has shown that the resulting diversity in collaborative research is a consequence of researchers employing different philosophical assumptions and combining different types of participation (cf. Lilja et al., 2001, cited in: Ashby, 2003; Cassell and Johnson, 2006).” (van Passen et al., 2011, p. 42)

❑ **ONTOLOGICAL:**

- What is assumed about the the nature of the reality that is being researched and the relevant elements that compose it? Is reality assumed to be “out there”, pre-defined and that some participants are “closer” or have privileged access to the “real reality”? Is it assumed that reality is (co)constructed and that research processes enter in these constructions? What implications for research choices (questions methods, participants)

❑ **EPISTEMOLOGICAL:**

- What is considered valued knowledge and how do we conceive knowledge production? E.g. Knowledge as existing “out there” or as a construction and result of the interaction between an observer and the world.
- Conceptions of the complexity of knowledge associated with the nature of the relations established (e.g. between observers; between observers and selected parts of the world;
- Knowledge as unitary, “real” vs multiperspectives, differentiated; knowledge as a “thing”, vs Knowledge as “process”; questions about the legitimacy of knowledge; contextualised vs de-contextualised knowledge

- ❑ **AXIOLOGICAL:** Values associated with research practices (e.g. democracy, quality, respect, collaboration, distance from facilitators, etc)
- ❑ **PRAGMATIC:** How to evaluate the effects of the research practices (back to ontology, epistemology and axiology; pragmatic effects; basis for new choices)



Participative/ Collaborative METHODS

The enactment of the methodological choices in particular practices and techniques



**AXIS/DIMENSIONS OF
DIFFERENTIATION
of the collaborative/participative
research landscape**

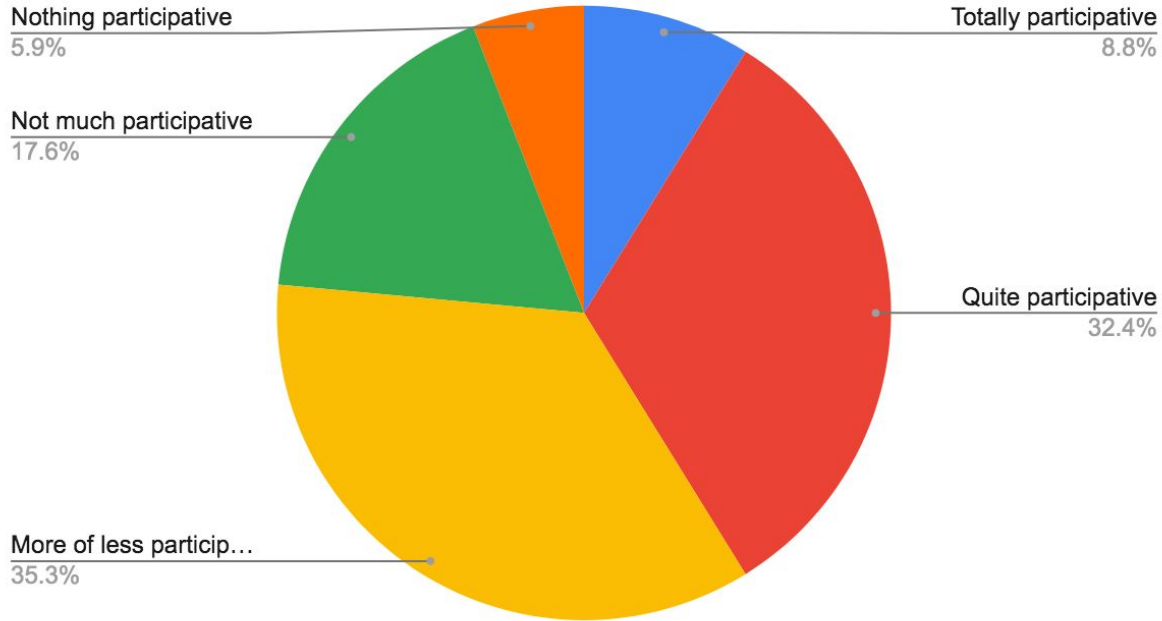


MAPPING OF CES' RESEARCH LANDSCAPE

Results of inquiry (n= 34)

Q1. At what level would you consider your research practice as collaborative/participative?

Level of the collaborative/participative research practices



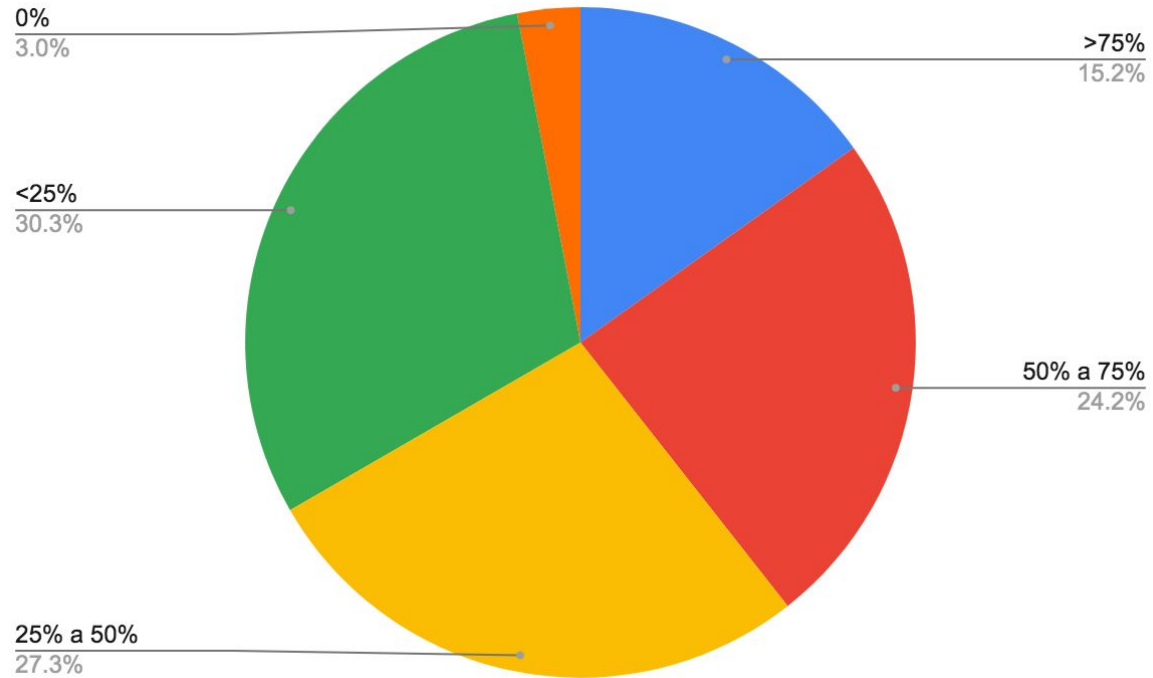
Q2. Thematic domains

Temas-chapéu	Sub-temas				
Democracia	Políticas Públicas	Eleições	Direitos Humanos	Ecologia Política	Políticas C&T
Artes					
Migrações	Imigração	Emigração	Refugiados	Experiência migratória	
Formação Avançada					
Cultura	Turismo	Mapeamento cultural	Práticas culturais		
Educação	Educação Infanto-Juvenil	Educação de Adultos			
Saúde	Saúde Mental	Saúde coletiva	Saúde		
Gestão	Gestão participativa				
Museus					
Igualdade de Género					
Avaliação					

Q2. Thematic domains

Desenvolvimento	Des. regional	Inovação	Planeamento e ordenamento do território	Planeamento e ordenamento território (dimensão jurídica)	
Ecologia política					
Ambiente	Meio Ambiente				
Grupos focalizados	Pessoas com deficiência	Famílias	Crianças	Proteção da Criança	
Produção conhecimento	Produção colaborativa de conhecimento				
Arquitectura					
Desigualdades sociais					

Q3. Proportion of Collaborative/Participative Research Practices (C/P RP) in relation to other practices

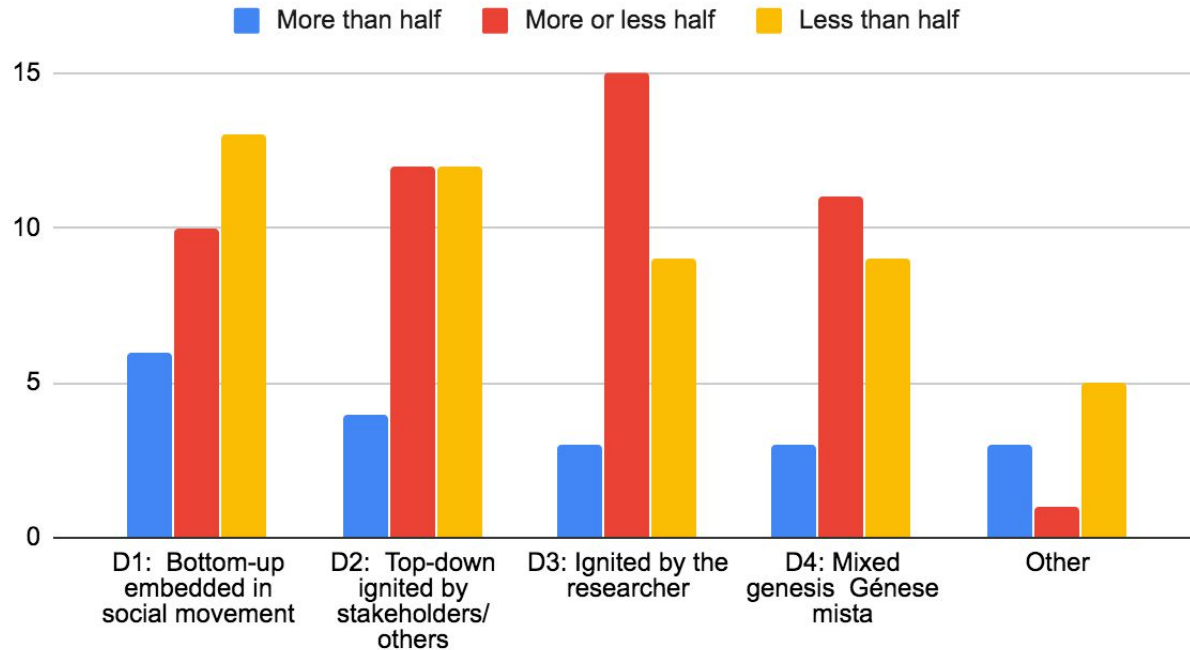


Q4. Genesis of the Collaborative/Participative Dynamics

- A. **Dynamics 1:** Bottom-up embedded in some, more or less formalised social movement that the researcher aims to investigate or amplify.
- B. **Dynamics 2:** Top-down instigated by third parties (formalised entities such as organisations, administrative policies, cooperation and development, international institutions)
- C. **Dynamics 3:** The object of study does not have, from the onset, a participative dynamics which is introduced and instigated by the researcher.
- D. **Dynamics 4:** Génese mista

Q4. Genesis of the Collaborative/Participative Dynamics

Dynamics of the genesis of participative process



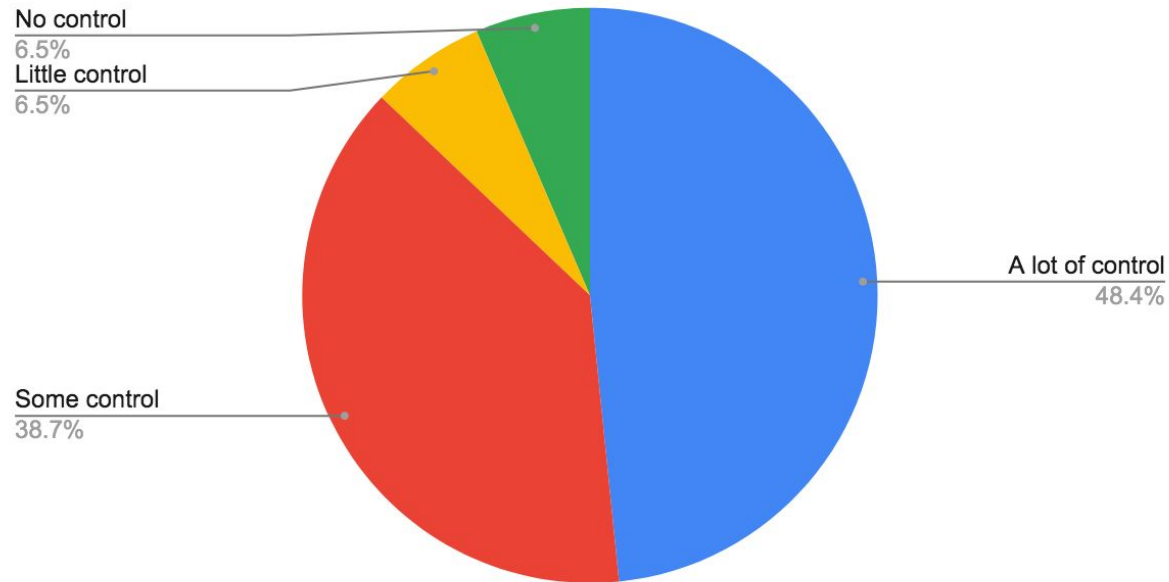
Q5. Dimensions of control over the research processes and outcomes

Researcher-driven: Some research processes are fully under the control of the researcher who defines the problem, the objectives and manages both the research process and outcomes with little scope for changes to be introduced by other stakeholders

Community/Stakeholder driven: The stakeholders/partners have the control and capacity to (re)define the problem, the research objectives, to change and manage the research processes and outcomes.

Q5. Dimensions of control over the research processes and outcomes

Dimension of control over the research process and outcomes



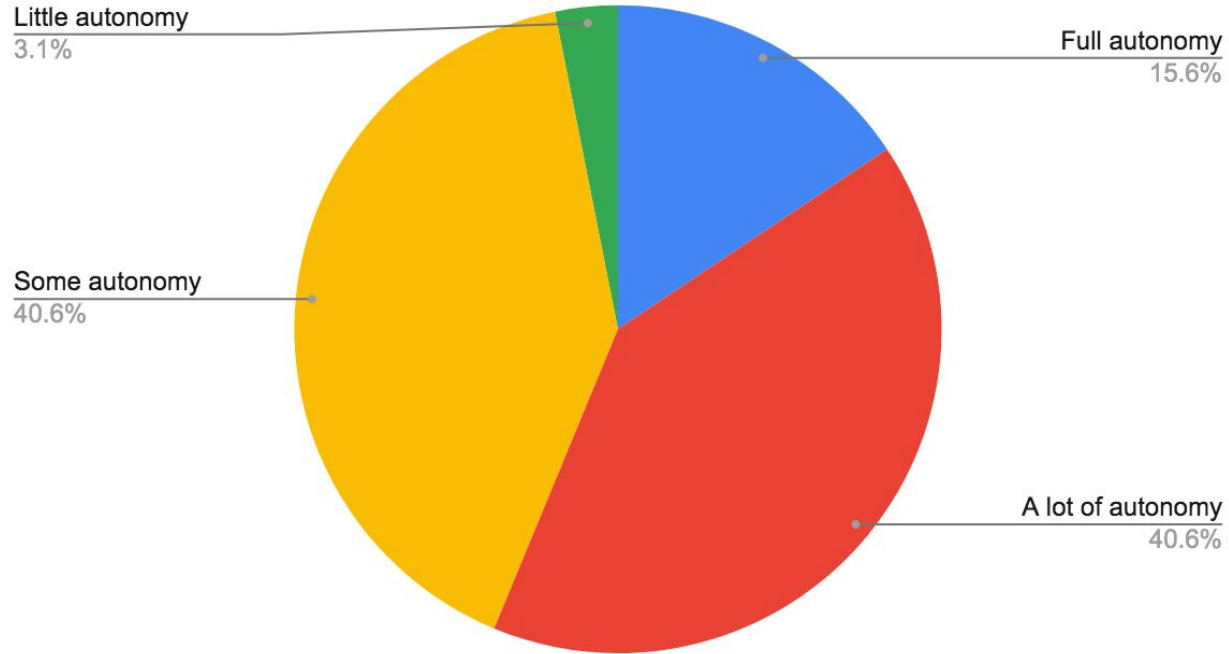
Q6. Dimensions of the researcher's autonomy

In some research processes the researcher is **fully dependent** of the stakeholders in the management of the research processes and the research outcomes and is limited to perform tasks that were previously agreed without influencing the unfolding of the research.

In other cases the researcher has **full autonomy** to shape the process and manage the research outcomes and to influence the actions of the stakeholders.

Q6. Dimensions of the researcher's autonomy

Dimension of autonomy in face of the stakeholders



Q7. Relationship between stakeholders

The nature of the relationship established with and within the broad group of stakeholders (including the researcher) can vary a lot and present **different configurations in terms of distribution of power, responsibility and engagement**

Q7. Relationship between stakeholders

Centralised power, authority and responsibility:

One of the stakeholders holds the control over the process and outcome of the researcher, upon which the decision making power is centralised and takes responsibility over the outcomes of the actions carried through.

Other stakeholders (including the researcher) might be hired or engaged, as needed, usually to share information or perform specific tasks under the directives of the stakeholder that has control over the process and the management of the results. One stakeholder controls how the problem is defined and what solutions to be pursued. soluçãoXebtr

Q7. Relationship between stakeholders

Participated consultation with power and authority relatively centralised in one/some stakeholders

Several stakeholders (including the researcher) may be consulted and heard in relation to the definition of the problem and solutions and they may offer contributions which can shape the course of the research/intervention process and the management of its results. Nevertheless, the power and responsibility for the decision and the outcomes remain centralised in one of more stakeholders who hold control and determine the type of consultation to take place

Q7. Relationship between stakeholders

Participated consultation with power and authority relatively centralised in the researcher (dimension added to inquiry)

Several stakeholders may be consulted and heard about the definition of the problem and the solutions and may offer contributions that may influence the course of the process and the management of the research/intervention outcomes but the power over the decisions and the responsibility for the outcomes remains centralised in the researcher that holds control and determines the type of consultation to take place.

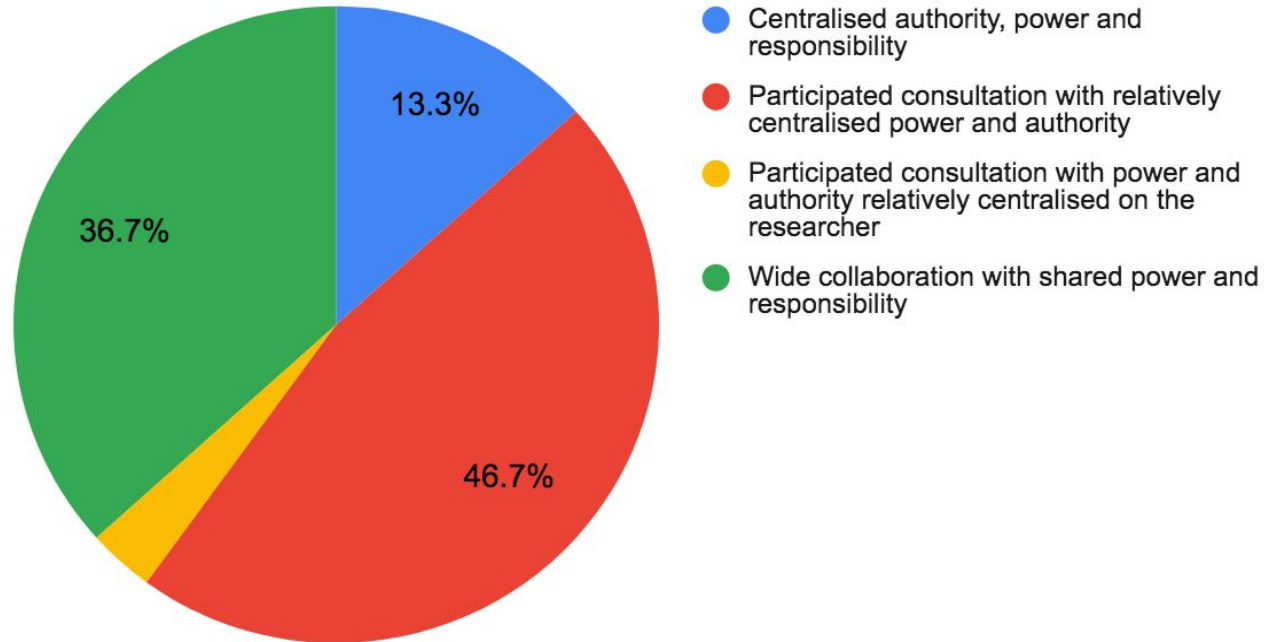
Q7. Relationship between stakeholders

Wide collaboration with shared power and responsibility.

Several stakeholders have the control over the process and outcomes, co-define the problem and the solutions and shared responsibilities and decision making power over the actions to be adopted. The decision are negotiated and agreed between all stakeholders in similar conditions of influence and in a spirit of collegial collaboration. Decisions are made by consensus or voting.

Q7. Relationship between stakeholders

Dimension of the nature of the relationship between stakeholders



Q8. Dimension of commitment and engagement with change

The researcher may be involved in the research with different **degrees of commitment and active engagement in the processes of change** that are initiated, supported or stimulated by it, as well as in the development and/or evaluation of interventions aimed directly at the promotion or management of change in one or more target social systems and/or their ecology.

Q8. Dimension of commitment and engagement with change

Restricted commitment and engagement with change.

The researcher's commitment is mainly with the production of knowledge but not necessarily with a practical or applied focus, or created in a context of shared responsibility with other stakeholders who are involved as co-researchers. The results of the research may be shared or disseminated in a way as to inform the design and implementation of interventions aimed at changes but without the researchers' commitment or direct engagement in those efforts towards change or in the design, implementation or evaluation of the interventions.

Q8. Dimension of commitment and engagement with change

High commitment and moderate engagement with change

The researcher is engaged in an advocacy role, actively standing for certain values or positions related to their research work and they might event develop some consultancy activities and provide support for others towards change but they are not directly engaged or are only moderately implicated in the efforts towards change and in the design, implementation and evaluation of interventions.

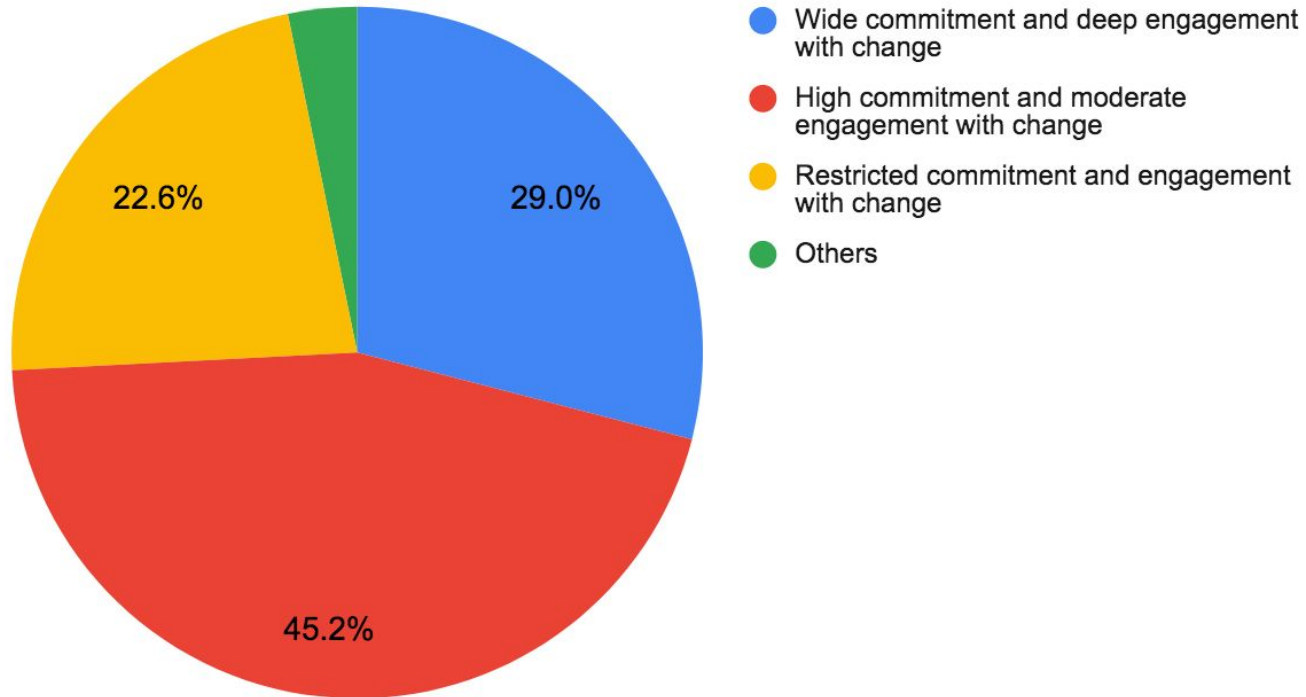
Q8. Dimension of commitment and engagement with change

Wide commitment and deep engagement with change

The researcher has a high commitment with change and, besides adopting an advocacy role for certain values and positions informed by their research they become, themselves, facilitators or agents of change, directly and actively engaged in the design, implementation or evaluation of interventions.

Q8. Dimension of commitment and engagement with change

Dimension of commitment and engagement with change



Q9. Scale of implementation of participative/collaborative research practices

Participative/Collaborative research practices can be applied at **different scales** as a function of the social systems they target or that they aim to reach

Micro scale: Focus on one target micro system only (e.g. individuals, families, specific social groups, organisations)

Meso/exo scale: Focus on wide social systems or at least two micro systems and the relation between them (e.g. family-school; organisation/local government; local government-local community systems)

Q9. Scale of implementation of participative/collaborative research practices

Multiple scales: Focus on several scales but not necessarily the relationship between them

Trans-scale: Focus on the relationship between different scales (e.g. systemic interventions and multi-level interventions)

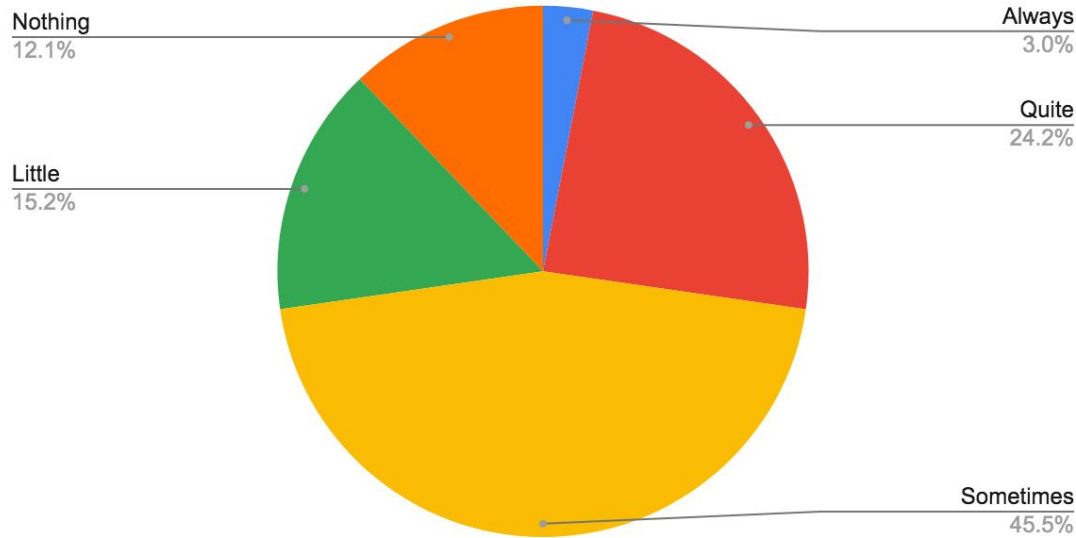
Macro scale: Focus on systems or socio-cultural practices or broad systems that frame the functioning several social systems

Q10. Use of consolidated/standardised techniques

Participative/collaborative research practices may imply different degrees of application of consolidated/standardised techniques

e.g. World Cafe,; Open Spaces Technology; E-Town Meetings, Statue-theatre; Theatre of the Oppressed; Deliberative Poll; Carrousel/Charrette; Scenarios; Citizen's jury; Delphi panels; Focus Groups;

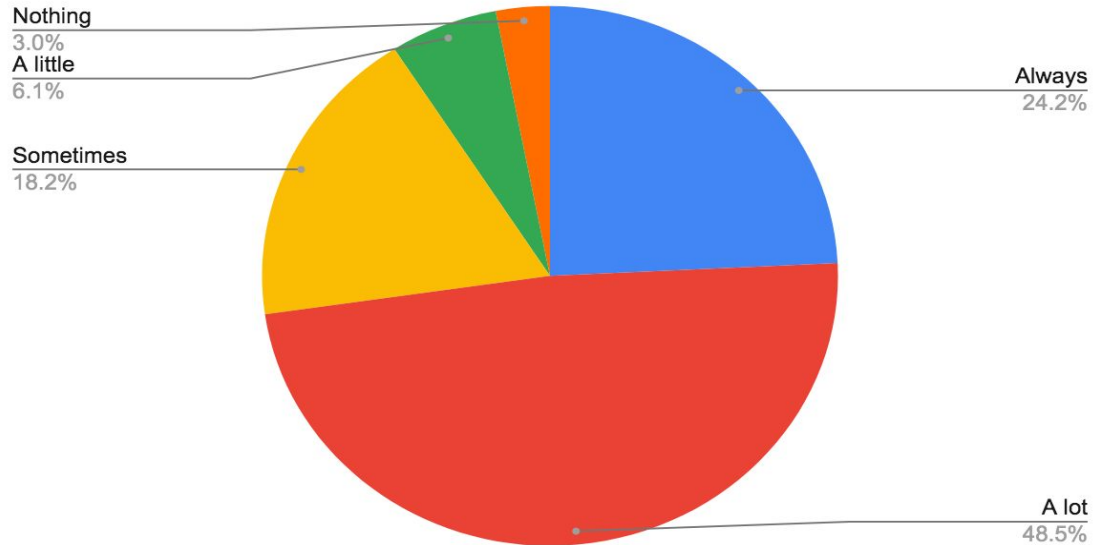
Dimension of usage of consolidated techniques/standardised



**E.g. world café,
open space
technology, focus
groups, e-town
meetings,
teatro-estátua,
teatro do oprimido,
deliberative pool,
carrousel/charrette,
citizen's jury**

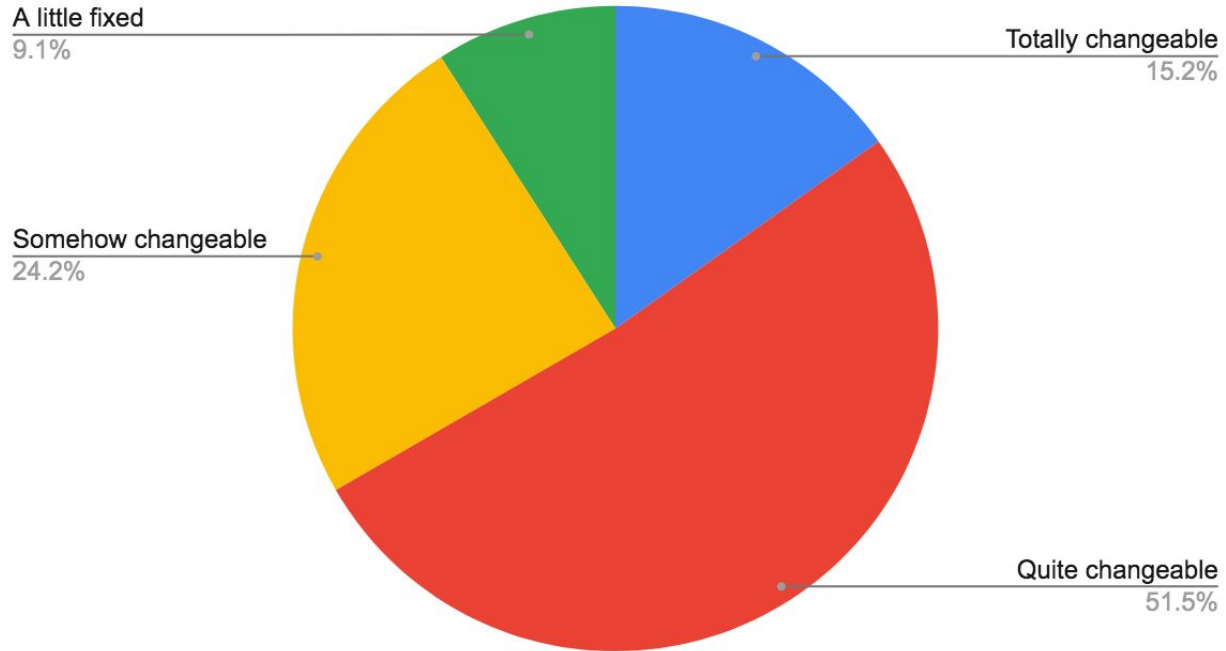
Q11. Hybridisation of techniques

Dimension of hybridisation of techniques



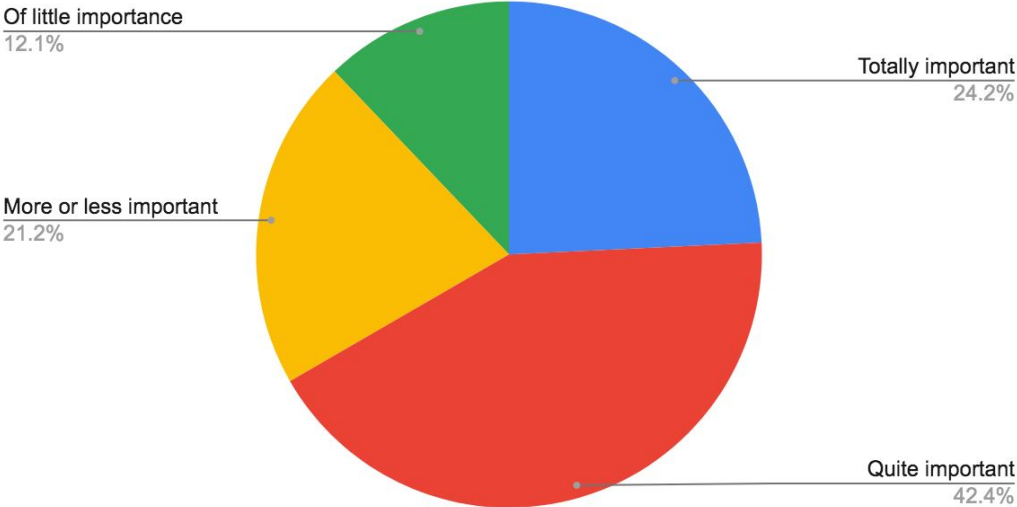
Q12. Stability of profile

Dimension of stability of the researcher's profile



Q13. Identity: importance of the participative/collaborative research practices for the researcher's identity

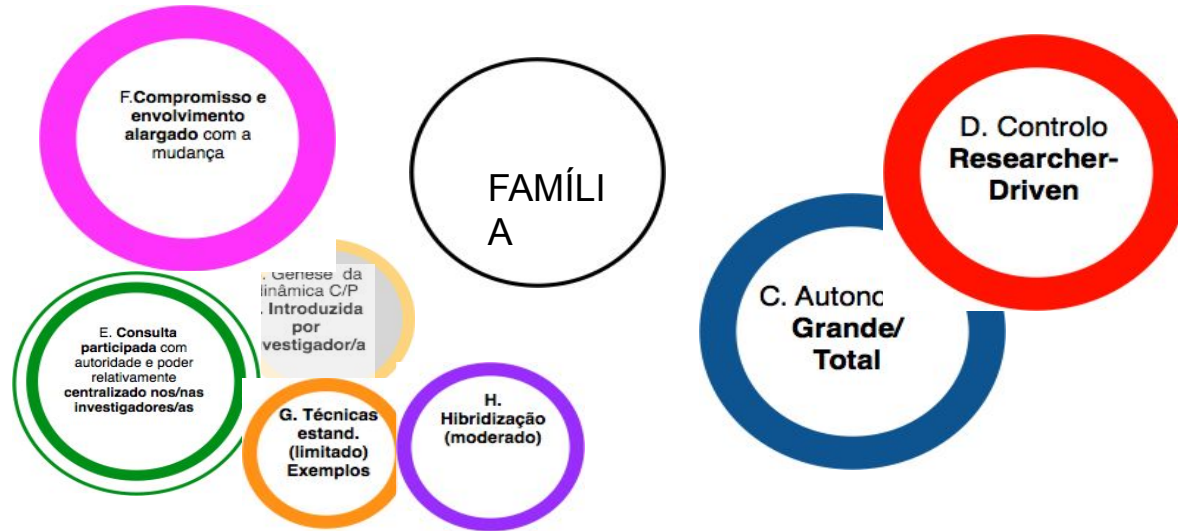
Researcher's identity: Role of the collaborative/participative practices





CONSTRUCTION OF TOPOLOGICAL MAPS TO
CHARACTERISE THE METHODOLOGICAL RESEARCH
LANDSCAPE

Objetivos das Práticas participativas colaborativas: XXXXXX



Pressupostos ontológicos, epistemológicos, axiológicos, pragmáticos

MAPAS TOPOLÓGICOS (EXEMPLOS)



TWEET, RETWEET DIALOGUE, VOTE

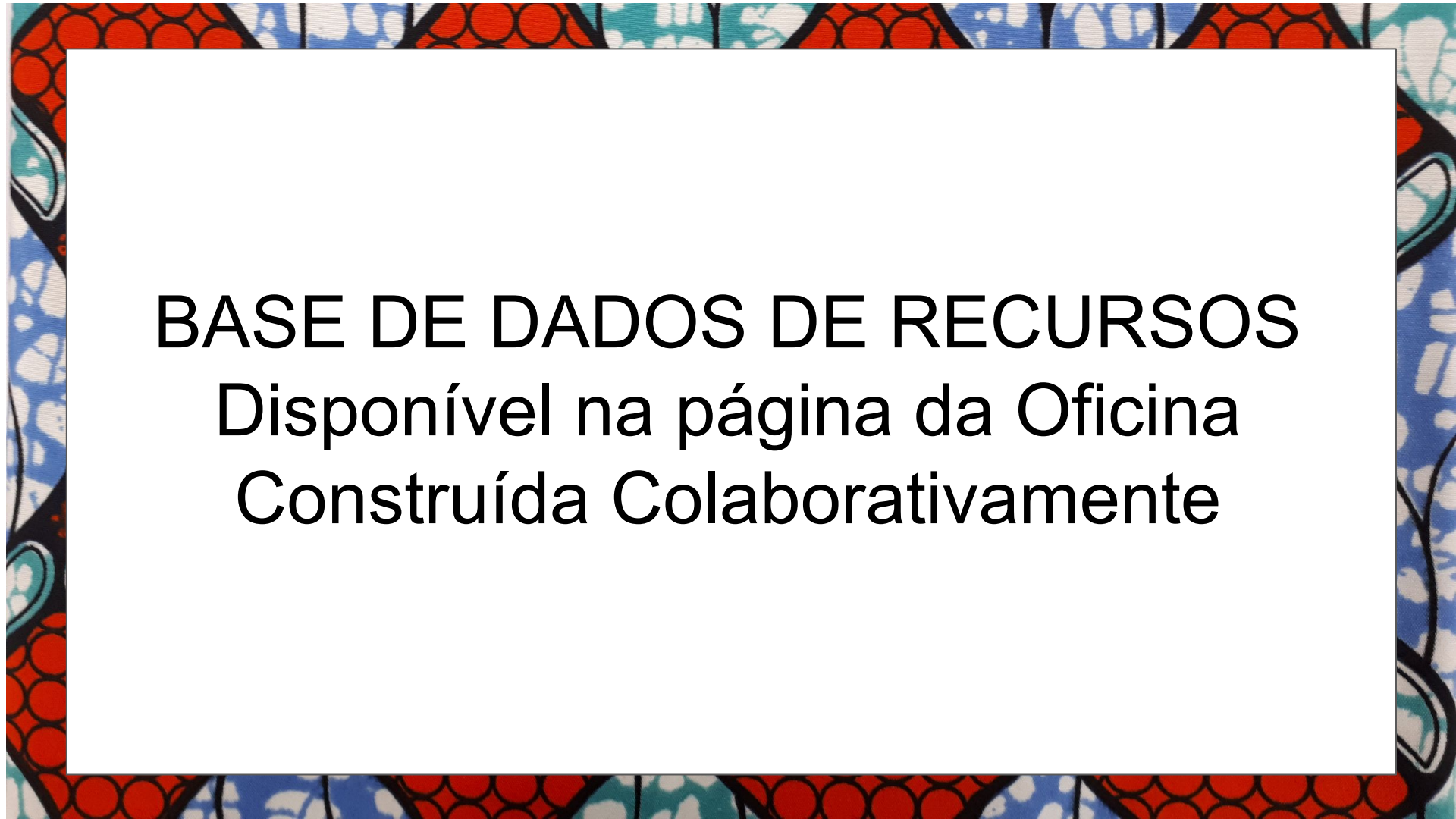
- Thoughts, reflections, questions emerging from the workshop
- How do these methods relate to my usual approaches or research domains and how could they be combined, stretched, reinvented?
- **What challenges/projects/ Ideas for the future of the CES community around these methodologies/methods?**



THE INSTANT REPORT AS A TECHNIQUE



“OUR” INSTANT REPORT



BASE DE DADOS DE RECURSOS
Disponível na página da Oficina
Construída Colaborativamente

NEXT?...



Centro de Estudos Sociais **Centre for Social Studies**
Universidade de Coimbra University of Coimbra



Universidade de Coimbra – Alta e Sofia inscrita na Lista do Património Mundial em 2013



PROGRAMA OPERACIONAL COMPETITIVIDADE E INOVAÇÃO/ALICIAÇÃO



UNIÃO EUROPEIA

Fundos Europeus Estruturais e de Investimento



Fundação para a Ciência e a Tecnologia
MINISTÉRIO DA CIÊNCIA, TECNOLOGIA E ENSINO SUPERIOR